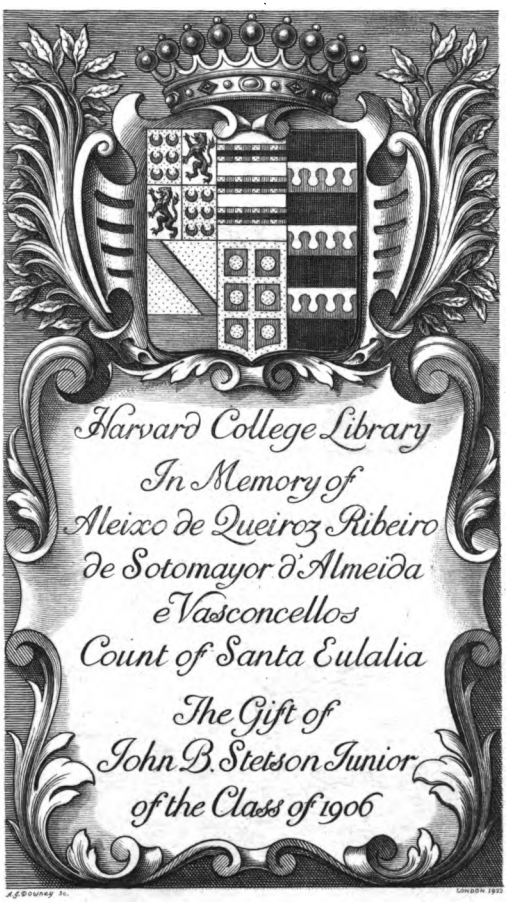
Port
6019
3
WIDENER
HN ZJ5Z 5
HARVARD
COLLEGE
LIBRARY
Digitized by Google

Port. 6019.33



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

ver

CANDIDO DE FIGUEIREDO

82

QUADROS CAMBIANTES

(POESIA LIRICA)

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1868

Digitized by Google

Digitized by Google

QUADROS CAMBIANTES

Digitized by Google

Digitized by Google

QUADROS CAMBIANTES

POR

Candido de Figueiredo

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1867

Digitized by Google

Port 6019.33
✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN R. STETSON, Jr.

AUG 14 1924

Digitized by Google

A

ANTONIO F. DE S. JOSÉ

Amigo carissimo

Offereço-lhe o meu livro, por mostrar-me grato a favores que não mereço, e a distincções que mal me quadram; mas do coração me pesa offerecer-lhe coisa de tão baixa valia. De feito, o unico merecimento que para mim têm os QUADROS CAMBIANTES é serem filhos primogenitos da minha pobre musa, ingrata e rude, e serem, demais d'isso, uma singela memoriasinha da minha vida claustral. Afóra a estima em que por esse lado os tenho, os meus versos, desataviados das galas que são privilegio dos mestres da arte, apresentam-se no mundo litterario, despretenciosos no maximo gráu.

Chamei-lhes uma singela memoriasinha da minha vida claustral, porque a parte mais numerosa d'esses versos foi

Digitized by Google

alinhada e rimada na solidão dos claustros, e não porque todos elles hajam sido elaborados sob as tristes impressões, que na alma grava o aspecto sombrio e melancolico das cellas solitarias, e das musgosas arcadas d'um collegio-seminario. — A vida do collegio tem suaves intercadencias, como os desertos têm oásis: o collegial ora se debruça na banca de estudo, cercado pelo silencio, e vigiado pelo grave e austero director, ora leva os momentos vagos discorrendo por meio dos renques de murta que cruzam a cerca, e espraiando os olhos pelos cômoros vestidos de serpol, ao doce tintilar das fontes; hoje espreita, por entre a janellinha da sua cella, o sol esplendido sobredoirando os coruchéus da cathedral, a primavera a entornar seu vaso de perfumes sobre estendais de verdura que se perdem no horizonte, a liberdade sorrindo a seres privilegiados que passam alegres e festivaes nas ruas e praças da cidade, o amor a doidejar nos labios d'aquella beldade que alem se inclina — como a flor da tarde — no parapeito da sua janella; ámanhan saúda o tempo feriado, desterra melancolias e saudades, a liberdade sorri-lhe, os amigos estendem-lhe os braços, e elle, como que desperto d'um pesadelo, levanta os olhos ao céu da sua infancia, folga, ri e canta!

Estas impressões variadas são as variegadas flores da primavera do collegial: são as tristes e roxas violetas, as pallidas assucenas, as rosas incarnadas, festivas, frescas e viçosas. Guiado por esse influxo multiplice é que, desde os meus dezeseis aos vinte annos, com palheta tremula e mal segura, hei esboçado alguns *quadros* que, em vista da multiplicidade de impressões, não podiam deixar de ser *cambiantes:* coisas do céu e coisas da terra, sorrisos e lagri-

Digitized by Google

mas, esperanças e desalentos, alegrias e decepções não só proprias senão tambem alheias...: a tudo isso consagrei alguns traços, imperfeitos sim, mas filhos todos do coração.

Justificado o titulo do livro, e dispensado assim de fazer aos meus versos alguns commentarios que uma critica severa não dispensaria, vou dar o meu livro á estampa, e votar-me com elle ao esquecimento no recesso da minha aldeia. Depois, quando o singelo monumento da minha adolescencia, quando os meus pobres QUADROS CAMBIANTES destacarem desconhecidos e despresados na galeria immensa, onde pompeiam os elevados primores da arte; quando o mundo, deslumbrado pelos luminares esplendorosos que espalham torrentes de luz sobre o caminho da gloria, passar, sem que attente no marco humilde que ergui á beira da estrada; quando na fronte enrugada pelo roçar do tempo e de amargas provações me alvejarem cans prematuras..., então abrirei eu o meu livro, e, remirando-me no espelho do passado, ser-me-ha grato evocar as memorias dos dezoito annos, verter uma lagrima de saudade sobre os destroços dos castellos aéreos que o tempo esboroara, e embrenhar-me nessas ruinarias a sós com o meu livro.

Viseu, no collegio-seminario,
20 de junho de 1867.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Digitized by Google

Digitized by Google

DEUS

O' écon ous, acousato ti to
pneuma legei tais ecclesiais.

Apocalipse, III, 22.

Quem tiver olhos veja, oiça quem tem ouvidos:
escute a voz da terra, unida á voz dos céus;
contemple o grande e o bom e o bello, confundidos
no incomprehensivel Ser, no Ser dos seres — Deus!

O crente, a quem a luz no intimo peito brilha,
a vista erguendo acima e olhando em derredor,
abisma-se no mar de tanta maravilha,
confessa e louva e canta o nome do Senhor.

O impio, lá esse então apaga a luz da crença,
e em trevas se afadiga a ver se a pode ver!...
a biblia da razão elle folheia... pensa...
contempla...; agora ler...¿ quem ha de em trevas ler?!

Se elle acendera a luz que banha a alma do crente,
e vira quanto abrange a terra, o mar e os céus,
banhal-o-ia então da dor o pranto ardente,
curvado ante essa luz confessaria a Deus!!

Digitized by Google

Se não, diga-me alguem: ¿ quem move lá em cima
esses milhões de sóes, e em baixo a terra? quem?
o verme que no pó se roja, quem o anima?
o rei da creação, quem animal-o vem?

Estrellas! oh! vós sois as mudas pregoeiras
d'Aquelle que tirou do nada a vossa luz;
da eterna majestade eternas mensageiras,
vosso brilhar estampa o céu, e a Deus traduz!...

Ás vezes vou sósinho, e assento-me a deshoras
da montanha d'alem no ingreme pontal:
contemplo! fico absorto! e deixo nessas horas
librar-me onde se libra a luz celestial...

Então quizera eu que o impio acompanhasse
d'esta alma o vôo audaz nos páramos dos céus:
eu lhe ergueria a ponta ao véu que esconde a face
d'onde deriva a luz — a face do meu Deus!

Ah! lave, quem fôr cego, os olhos, com colirio,
e do que palpa e vê escolha se quizer
a mais humilde flor — o aveludado lirio;
estude-o, folha a folha, aprenda a amar e crer!

Estude-o! Eu bem sei que uma fallaz sciencia
esmaga a flor humilde, abrindo os livros seus!
Homem! rasga o teu livro, escuta a Providencia:
o livro é obra humana, a flor... obra de Deus!

Eu leio a toda a hora o livro perfumado
aberto pelo sol em placidas manhans;
fala-me cada flor da gloria do Increado,
e deixa-me esquecer do mundo as glorias vans.

Digitized by Google

Mas que alma de poeta irá sósinha e crente
verdades estudar no céspede do val?
quem vai lá visitar o lirio innocente,
que ensina á solidão o nome do Immortal?

Embora! Se te apraz, encerra-te, egoista,
onde só caibas tu com a sciencia van;
derrama sobre ti a froixa, escassa vista,
deixa sorrir lá fóra as luzes da manhan!

Pergunta-te a ti mesmo aonde a tua origem,
quem és, d'onde vieste, e para onde vais!
occultas forças vê se a mente te dirigem;
se isso que pensa e quer é pó e nada mais.

Pergunta-te quem és! — A voz da consciencia
certo ha de proclamar-te o rei da creação;
e ella dirá tambem se o fio da existencia
das sombras o tirou o acaso cego e vão!

Se ás vezes a amargura ás palpebras te assoma,
¿aonde irás buscar conforto, luz e amor?
¿onde haverá consolo egual áquelle aroma
que lá dos seus jardins entorna o meu Senhor?

Quem é que espalha o dia, e te matiza o prado
onde — indiff'rente — vais pisar a flor gentil?
Quem dá calor e brilho ao almo sol doirado?
Quem manda á terra o céu, quando nos manda abril?

Quem é que abranda o vento ou solta a tempestade?
Quem é que entre escarcéus ao naufrago sorri?
Quem é que traz ou leva ao sol a claridade?
Quem é que disse ao mar — não passarás d'aqui?

Digitized by Google

Quem veio pendurar o pomo na maceira?
Quem deu seiva ao abeto, e quem a deu á flor?
Quem fez brotar da terra o olmo co'a videira?
senão Aquelle que é! senão o meu Senhor!

Quem tiver olhos veja, oiça quem tem ouvidos!
que ao impio a verdade abrande o coração!
Eu, crente, passarei meus dias embebidos
em escutar a Deus na voz da creação!

Digitized by Google

INVOCAÇÃO

Luz e vida! em vida o céu!
— cifra-se ahi meu desejo!
E pois porque te não vejo?
porque não rasgas teu véu?

Quando nos montes sorri
pudibunda a madrugada,
á nuvem auri-rosada
hei perguntado por ti.

Outras vezes, quando o sol
abre o primeiro sorriso,
paro, a ver se te diviso
entre os clarões do arrebol.

E quando a noite, ao chegar,
meus olhos cançados cerra,
desces, pairas sobre a terra,
meus labios a bafejar.

E se á visão que seduz,
acordando, estendo os braços,
despareces nos espaços,
deixando um rasto de luz.

. . . . . .

Digitized by Google

Espera, minha alma! crê!
acima os teus olhos lança!
maldiz quem não tem esp'rança,
e chora quem não tem fé!

Eu sei e creio que Deus
— bom e sabio sem segundo —
a cada ser d'este mundo
envia um anjo dos seus.

¿E só eu hei de ficar
na terra sem um conforto?
sem ter quem me leve ao porto
d'este irado e turvo mar?

Impio!.. No meu coração
não cáia a descrença fria!
¿que importa esperar um dia,
quando não se espera em vão?

A nuvem — candido véu
nas orlas do firmamento —
lá vai ao grado do vento
pelas campinas do céu!

Vejo a estrella da manhan,
sobre os montes do levante,
a guiar o astro amante,
sorrindo toda louçan.

Até a loba — vê lá! —
vai pelo correg estreito,
guiando e chegando ao peito
os filhos que Deus lhe dá.

Digitized by Google

Em summa, o nosso bom Pai,
que a ninguem jámais teve odio,
dá sempre um anjo custodio
a quem pelo mundo vai.

Por isso, espero por ti!
e Deus, só Deus, sabe a ancia
com que á tua ignota estância
levanto os olhos d'aqui.

Cingida de casto alvor,
ri em flor a minha idade;
mas triste da mocidade,
sem um anjo guardador!

Ai, nuvem d'Éste, que alem
te vais no isolado ermo,
¿porque não vens já trazer-m'o?
o anjo porque não vem?

Sol, que te vais atufar
no oceano rumoroso,
góza ahi grato repouso,
mas ámanhan, ao voltar,

traze-me num raio teu
o anjo da minha guarda!
se afflige quem muito tarda
afflicto não seja eu!

Aura que levas ao ar
balsamos que a flor exala,
vai, e *d'elle* uma só fala
vem-me depois murmurar!

. . . . . .

Digitized by Google

Eis-me aqui! Rasga o teu véu!
desce nas azas da aragem,
vem reflectir tua imagem
nos olhos que estendo ao céu!

Desce, ó pomba de marfim,
sonho d'alma que me afagas
quando á noite o pranto em bagas
desprender-se sinto em mim!

Alivia a minha cruz!
traze-me doces carinhos!
derrama nos meus caminhos
um raio da tua luz!

Digitized by Google

DUAS MÃIS

Ao sr. Thomaz Ribeiro por occasião do falecimento de sua excellente mãi

Para olhares o céu, e para vel-a,
uma os teus olhos abre á luz do dia;
de affectos se opulenta, e se disvela
em ser no mundo teu celeste guia.

A outra, fronte candida e singela,
ante o filho dilecto se extasia,
os segredos do genio te revela,
e te embala em torrentes de harmonia.

Uma, sumindo o seu fulgor de estrella,
dos anjos busca a doce companhia,
que d'entre os anjos Deus chamou por ella.

A outra não te deixa, noite e dia:
seculos durará, mas sempre bella!
— Uma era *Amalia;* a outra... é a *Poesia!*

Parada de Gonta, 14 de outubro de 1866.

Digitized by Google

MARIPOSAS

Viste ao serão a doida borboleta
volitar descuidada,
e arder depois na luz. Tiveste pena,
e disseste: coitada!

E eu, que a toda a hora ardo nas chammas
d'esse olhar adorado,
oh! quando te ouvirei compadecida
dizer tambem: coitado!

Digitized by Google

A GOMES DE AMORIM

DEPOIS DA LEITURA DOS *Ephemeros*

Hoje, que a pristina crença,
e as nossas glorias passadas
as vemos embaciadas
pelo gelo da indif'rença,
dentro d'este peito moço
sinto não sei que alvoroço,
chóro de intimo prazer,
quando vejo a mão da gloria
nas folhas da nossa historia
ir mais um nome escrever.

Poeta! no rosto puro
vai cingir os verdes loiros,
que são despojos, thesoiros
da conquista do futuro!
Do futuro! que o presente
talvez da c'rôa fulgente
afaste os olhos, talvez!
Mas, poeta, não te importe,
pois tiveram esta sorte
mil genios como tu és!

. .

Digitized by Google

Tiveram! — se negra lama
o rosto lhes salpicava,
depois, o mundo escutava
os ecos da sua fama!
Tiveram! mas os vindoiros
prodigaram-lhes os loiros
que o presente lhes negou!
Poeta! dobra os joelhos
diante d'esses espelhos
que o porvir desempanou.

Como esses que da desgraça
os golpes exp'rimentaram,
e tristes cantos soltaram,
ao sorrir da populaça,—
tu, joven e desditoso,
não temeste o oceano iroso,
e, nas plagas d'alem-mar,
do exilio os amargos prantos
foste adoçar com teus cantos,
a *escravidão* adoçar!

Lá, mediste o genio altivo
pelas altivas palmeiras;
e, se ellas foram primeiras
a elevar-se, tu — cativo —
a alma ergueste acima d'ellas,
e a teus pés viste as estrellas,
viste desertos, sertões;
nas clareiras d'esses matos
de eternos, enormes cactos,
viste a sanha dos leões!

Digitized by Google

Lá, tudo era magestoso,
tudo inspirava poesia,
e tudo em si reflectia
a imagem do Poderoso.
— Através de cipós densos,
de mil curimbós immensos,
por entre os carajurús,
o sol coava-se ardente,
infiltrando docemente
na tua alma doce luz.

E essa luz rompia as sombras
que o seio te povoavam:
de areais rosas brotavam,
vias regatos e alfombras;
de espinhos fazias flores,
e, esquecendo tuas dores,
louvavas o Creador,
ou da patria te lembravas,
e saudoso lhe enviavas
ternos canticos de amor.

Depois, uma nova estrella
desviou-te dos palmares:
de novo cruzaste os mares,
quando na voz da' procella
já divisavas incantos
que traduzias em cantos
de sublime inspiração!
— Que poeta não sentira
inspirada a sua lira,
do mar ante a immensidão?!

Digitized by Google

Quando o raio lá fusila
entre nuvens pardacentas;
quando estalam as tormentas,
e o tufão ruge e sibila,
os mastaréus agitando;
quando o baixel, vagueando
entre os abismos do mar,
vacilla ao choque da vaga,
que o lais das vergas alaga,
e no convéz vem quebrar:

que ignotos arroubamentos
sentirá n'alma o poeta,
nesse oceano sem meta,
ao rugir de soltos ventos,
ao ver ondas, uma a uma,
formarem serras de espuma
que vão topetar os céus!
Digam-no as notas sonoras
que te inspirou nessas horas
o bramir dos escarcéus!

Depois, quando o mar em calma
seu manto azul estendia,
oh! que suave poesia
se albergava na tua alma!
sentado pelas amuras,
olhavas essas planuras,
e dos astros o fulgor,
cantando em lira sentida:
«Cada onda adormecida
encerra um mundo de amor.»

Digitized by Google

Mas o anceio, o anhelo, a ancia
que mais teu seio agitava,
era o amor que te ligava
ao berço da tua infancia:
de longe — por sobre os mares —
ou entre os verdes palmares,
era a patria o sonho teu;
por ella, noites e dias,
desprendeste as harmonias
que a saudade te deu.

Amor patrio! — a alma jubila
ver que d'este amor a chamma
ainda entre nós se inflamma,
ainda luz e scintilla
nas trevas que o egoismo
quer lançar ao patriotismo
— brazão de nossos avós!
Poeta! salvè, tres vezes!
mostra que és dos portuguezes,
deixa ouvir-me a tua voz!

E quando o terreno pizas,
onde vieste á luz do dia,
a tua alma se inebria,
sôfrego aspirando ás brizas
os effluvios que beberam,
e no perpassar trouxeram
do olorante roseiral;
e do Minho o nobre filho
com seu canto augmenta o brilho
ao *jardim de Portugal!*

Digitized by Google

E quando — ave foragida —
ao buscar o patrio ninho,
já não achas o carinho
do pai e da mãi querida;
e, por flores de outra idade,
só encontras a saudade
no teu formoso torrão,
¡ que terna melancolia!
como sái doce a poesia
d'entre as vozes da *oração!*

Amor de filho! — amor santo,
nobre filho da virtude! —
quem nas cordas do alaúde
a esse amor sagra um canto,
um canto assim inspirado,
em seu peito maguado
mostra haver um coração
onde morreu a alegria,
mas o germe da poesia,
mas a crença, oh! essa, não!

A crença, virgem celeste!
como ella te anima e inspira,
quando pranteias na lira
os amigos que perdeste!
— Sobre tantas sepulturas,
e entre tantas amarguras,
ergues os olhos aos céus;
Resignado as mãos levantas,
e o calix de maguas tantas
recebes das mãos de Deos!

Digitized by Google

E esses jorros de poesia,
de tua alma derivados,
e da crença bafejados,
¿hão-de extinguir-se num dia?!
Ephemeros!.., A modestia,
bem vês, a fama reveste-a
de corôa perennal!
É que o genio nunca morre,
mas com os seculos corre;
joven sempre, é immortal!

Ephemeros!... Não, poeta!
Quando vires tua vida
anoitecer, esvaída
das idades na ampulheta,
teus cantos immorredoiros
ficarão entre os vindoiros,
dando vida ao nome teu!
Eu, por mim..., sempre esta fronte
curvo, á luz que no horizonte,
da minha patria rompeu!

Lobão, 12 de setembro
de 1866.

Digitized by Google

RIE Y CANTA

(NO ALBUM D'UMA INNOCENTE)

Ri e canta! — É bella a vida,
se a doira o sol da innocencia!
Cada dia é um sorriso
que te envia o paraiso
aos desertos da existencia!

Ri! Que tuas mãos de neve
não palpem um só espinho!
Para os anjos, luz e flores!
para os homens, pranto e dores,
e a morte, ao fim do caminho!

Canta! As notas dos arcanjos
devem ser-te conhecidas,
como as graças da innocencia,
dadas pela Omnipotencia,
e por Ella protegidas!

Ri e canta! — É bella a vida,
se a doira o sol da innocencia!
Cada dia é um sorriso
que te envia o paraiso
aos desertos da existencia!

1864.

Digitized by Google

MARGARIDA

Mais d'uma vez tenho pensado, flor,
mais d'uma vez me veio
á ideia o puro aroma de teu seio
— cofre de puro amor!

E que eu não possa haurir mundos de amor
na tua pura essencia!
não adoçares tu minha existencia
com teu perfume, flor!

Digitized by Google

A FLOR DA CARIDADE

Que bella flor, Maria! como brilha
na grinalda que as tranças te circumda!
de risos e de bençãos tudo inunda!
do jardim da innocencia é pura filha!

Olha em roda! ¿ Não vês como á porfia
t'a bemdizem, t'a cobrem de louvores?
O seu brilho escurece as outras flores!
quanto é bella essa flor; não é, Maria?

Pois bem, guarda-a cuidosa; não a queiras
ao suão entregar, inda nascente;
nunca vejas no dorso da torrente
sumirem-se-lhe as folhas derradeiras!

Vive com ella! *A flor da caridade,*
quando á mansão do Altissimo voares,
irá comtigo dividindo os ares,
cingir-te-ha ante o Deus da immensidade.

Guarda bem essa flor! Sempre eu a veja
de bençãos mil e de louvores cheia;
sempre eu escute aos pobres que da aldeia
no adro te vêem passar, correndo á igreja:

Digitized by Google

«Olhai-a! lá vai ella pressurosa
resar, a mãi dos pobres, na capella!
— Que sorriso de santa! — Que alma aquella!
— É um anjo do céu! — Como é formosa!»

1864, 25 de janeiro.

Digitized by Google

GALATEIA

Descerra o labio teu,
o labio perfumado,
pudico, immaculado,
como uma flor do céu.

E fala! que o futuro,
seu véu deixe cair!
que eu leia o meu porvir,
na voz d'um labio puro!

Eu vejo, branca flor,
fechado o meu destino
num labio purpurino,
anhelo d'este amor!

Inflora a augusta Essencia
ao ramo triste e nú;
mas dize: ¿ não me és tu
segunda Providencia?

Oh! dize, dize! A luz,
que o sol á terra envia,
¿ da Mão que espalha o dia
os brilhos não traduz?

Digitized by Google

Tu és gentil reflexo
d'Aquelle que nos vê,
lá d'onde tudo é
unido em santo amplexo.

Na terra podes pois,
sorrindo providente,
banhar-me docemente
na luz do Sol dos sóes.

Se não, hasde dizer-me
por que vieste assim
poisar ao pé de mim,
ao pé do obscuro verme!

¿Acaso pode em ti
nascer duro egoismo,
que venha abrir-me o abismo
e me espesinhe ahi?

Oh! mas, se fôr assim,
talvez que eu possa ainda
fugir do abismo... Linda,
não olhes para mim!...

Não olhes, que me abrasas
na luz dos olhos teus;
foge aos olhares meus,
sacode as brancas azas!

Anjo! se indigno sou,
e o odio teu me aguarda,
vai de outro ser a guarda,
se Deus t'o confiou!

Digitized by Google

Depressa! volta o rosto!
some-te! foge pois!
que eu só terei depois
saudades d'um sol-posto!...

Mas ouve: — ¿onde hasde achar
crença tão pura e viva,
como a que essa alma esquiva
me veio inocular?

Não fujas, não! No entanto
meus ais se escutarão,
e sobre o coração
te hade cair meu pranto!

Hade! E se, como és,
inda impassivel fôres,
ralado de mil dores
heide morrer-te aos pés!

Crê! crê no affecto puro
que me inspiraste, flor!
amor compense amor...
traça-me o meu futuro!

Eu quero inda viver!
mas sem amor a vida
é flor triste, pendida,
prestes a fenecer!

Rosa da primavera,
dá-me o perfume teu!
dá-m'o, que eu dou-te um céu
como o que Deus te déra!

Digitized by Google

Com flores em botão
heide c'roar teu rosto;
hemos de encher de gosto
a alma e o coração!

Hemos? ¿Quem sabe a sorte
que espera o meu porvir?
¿Que leio em teu sorrir?
¿Inferno, vida, ou morte?

Oh! abre o labio teu,
revela-me o futuro!
— fala! que eu vá seguro
buscar a vida, o céu!...

Viseu, 186...

Digitized by Google

DISTICO

no tumulo de D. Affonso Henriques

A J. SIMÕES DIAS

Descança, dorme, ó rei! que o nome teu
desperta e acende amor que não se apaga!
Da escura estancia a luz escorre, e alaga
quem ao passado os olhos estendeu!
— Hoje, que as tuas cinzas tenho perto,
ante mim se desdobra longa historia:
de cinzas mudas se ergue a voz da gloria,
d'um tumulo fechado um livro aberto!

Santa Cruz de Coimbra, 1867.

Digitized by Google

EPITAPHIO

que a excellentissima senhora D. I. C. mandou gravar na campa de seu pai

As horas tristes em que o sol se esconde
em véus de purpura, da tarde no fim,
venho saudades espalhar aonde
a negra morte te escondeu de mim.

Nessas mansões, lá onde a luz rebrilha,
a eterna luz que circumdar-te vai,
acolhe o preito d'este amor de filha,
tu, que sentiste todo o amor de pai.

Digitized by Google

A UMA ROSA

¿Para que afastas irosa
esse rosto alvo de neve?
¿acaso um anjo se atreve
a negar o que me deve?

Não fujas, ouve-me, Rosa:
tu prometteste-me um dia
que o teu amor pagaria
da minha ausencia a agonia.

Vê bem: tres annos ausente,
ora a teu lado me vejo;
e, quando a paga desejo,
de ti recebo um só beijo.

Concedo que um beijo ardente
nesse rosto de assucenas
compense um anno de penas...
Quantos faltam? dois apenas.

Digitized by Google

SOMBRAS

Á MEMORIA DE J. H. CRUZ LIMA

I

Vai a gente vivendo neste mundo,
como baixel sem rumo no oceano,
até que emfim um dia desça ao fundo,
misterios d'além-tumulo a sondar.
No entanto, as illusões passam e correm,
— falsas miragens que nossa alma prendem! —
mas passam; e com ellas tambem morrem
aquelles que no pó vão descançar!

A morte! a morte é o ómega da vida,
sello que fecha o livro da existencia,
anjo que ao fim de senda dolorida
nos conduz ao repoiso tumular,
nuvem ignea que vem a este inferno
lagrimas enxugar, queimar abrolhos,
e levar-no lá acima aonde o Eterno
os mártires da vida sóe c'roar.

Digitized by Google

A vida! — curto epilogo das dores
que alanceiam as almas dos precitos,
¿ quem a pode chamar jardim de flores?
¿ quem ha dos homens que inda a possa amar?
Por isso, o nosso coração duvida
se ha purgatorio que não seja o mundo,
e os que estalam os vinculos da vida
é sorrindo que o mundo vão deixar.

Pois que em vida se pena e além se gosa,
¿ porque chorar quem d'este val de lagrimas
sóbe entre risos á mansão ditosa
onde não ha nem sombra de pesar?
Mas, viajar no deserto da existencia,
eu choro um companheiro de viagem,
não sei se por sentir a sua ausencia,
se por o não poder acompanhar.

II

Ás horas do crepusculo,
quando desmaia o dia
e, sol, involto em purpura,
um triste adeus envia;

e quando alem suspira
a brisa; e a luz da lua
na campa fria e nua
da cruz a sombra estira;

quando o cipreste trémulo,
das auras sacudido,
entorna sobre os tumulos
um canto dolorido:

Digitized by Google

irei verter meu pranto,
soltar tristes endeixas,
e do cipreste ás queixas
irei casar meu pranto.

Na lápide marmórea
á noite a sós prostrado,
segredarei aos túmulos
meu canto maguado,

que ao céu o subtil bando
das auras, erguer hade
as vozes da saudade
no espaço murmurando.

E tu hasde escutar-me, ó alma pura,
e hasde pedir a Deus, saudoso amigo,
que eu vença emfim o mal, e entre comtigo
na partilha do bem que sempre dura.

Viseu, 10 de outubro de 1864.

Digitized by Google

L'AMOUR C'EST LA VIE!

I

Um dia, vi-te só. Estavas triste,
pendida a frente, e os olhos rasos de agua;
e, ao ver que te opprimia funda mágua,
perguntei-te porquê, mas não me ouviste:
certo, o quadro da vida contemplavas;
e, saudosa do céu, d'onde vieras,
em teu seio arcangelico anhelavas
por deixar d'este mundo as primaveras.
Tinhas razão! E eu perguntei-te ainda
se na terra um incanto não achavas
que te levasse alivio ao coração;
ergueste a fronte pallida mas linda,
e respondeste: — Não! —

II

Mas depois, quando o amor, em doce calma,
em azas de oiro e neve te involvia,

Digitized by Google

e na fronte gentil te entretecia
a c'rôa de rainha da minha alma;
quando o amor, seus sorrisos entreabrindo,
veio fechar aqui nossos abraços,
e sobre a terra flores espargindo,
por flórea senda nos guiou os passos;
logrei um céu em cada teu sorriso,
li a ventura no teu rosto lindo,
vi-te ditosa, e perguntei-te emfim
se este mundo não era um paraiso,
e respondeste: — Sim! —

Digitized by Google

O SANTO SEPULCRO

TRADUZIDO DO INGLEZ DE JAMES HERVEY

(Medit. among the tombs)

Errando entre estas campas solitario,
me leva o pensamento
ao funebre moimento
do Martir do Calvario;

da victima innocente — do Cordeiro
sem mancha de peccado,
por nós sacrificado
no alto d'um madeiro.

Triunfa, ó morte! — nunca igual cativo
o teu poder venceu;
foi o Senhor do céu,
o Filho do Deus-vivo!

Mas humilha-te, ó morte! que Jesus,
Sansão da Lei da graça,
a algema despedaça,
de novo sai á luz!

Digitized by Google

Christo venceu! dissipa a escuridade
que a morte protegia,
e aponta-nos o dia
chamado — eternidade!

Tu, homem, que tremeste, se na torre
da cathedral ouviste
do bronze o dobre triste
chorando por quem morre,

que te apavoras e que suas gêlo,
se aberta campa antolhas,
que, se um cadaver olhas,
desmaias só de vel-o:

não tremas, pobre escravo; ergue-te ousado
diante do tiranno:
seu jugo deshumano
está despedaçado;

estão quebrados os grilhões de ferro!
que emfim te libertou
Aquelle que expirou
do Gólgotha no cerro.

E se do peito hasde exhalar suspiros,
quando em furor insano
da morte o crú tiranno
te arremessar seus tiros:

a chaga que elle abrir é d'um momento,
e a frecha que ferir
teu corpo, hade sair
sem dor e sem lamento.

Digitized by Google

Anima-te, e entra pois no mausoléu
sem te lembrar da vida:
nelle achas a avenida
que te conduz ao céu.

Viseu, 1866

Digitized by Google

M***

(NO SEU ALBUM)

Quem ousa? quem se atreve
a macular teu calix,
ó branca flor dos valles,
ó pomba côr de neve?

Sol! que não traje escuro
a luz em que me abrazas!
Anjo! nas brancas azas
resguarda o seio puro!

Mal sabes, innocente,
o preço do thesoiro
que escondes, anjo loiro,
em jaspe transparente!

A vista, de indiscreta,
vai, corre, palpa e... nada!
na urna immaculada
a mente do poeta

Digitized by Google

é só quem vai anciosa
pesar, ó meigo astro,
em conchas de alabastro
a joia preciosa!

E sei-lhe o alto preço!
— se um dia confrontares
as pérolas dos mares
e a joia que eu conheço,

verás que o teu thesoiro,
em cofre jáspeado,
faz esquecer ao lado
pérolas, prata e oiro!

Depois ¿quem se aproxima
do sol esplendoroso
que intorna copioso
seus brilhos lá de cima?

Se aonde resplandeces
erguer seu vôo a aguia,
cegue-a, fulmine-a, esmague-a
um raio que arremesses!
. . . . . .
No mundo onde desceste
firma a nevada planta,
e dos marmeis levanta
a clâmide celeste!

Não temo que este lodo
vá salpicar-te a alvura:
o sol tambem fulgura
no charco, e é puro todo!
. . . . . .

Digitized by Google

Na vida transitoria,
nas lides da existencia,
o anjo da innocencia
é o anjo da victoria! —

Erguida na estaçada,
o teu broquel embraça,
que nelle se espedaça
a seta envenenada!

Cair na arena, quando
te ergues assim aos ares,
é desfazer altares
num templo venerando!

Ante o fiel espelho
do Deus que te illumina
a face purpurina,
eu dobro o meu joelho!

quero adorar por terra
a pixide sagrada
que pelo céu velada
vedado pomo incerra!

Que a serpe feiticeira
não quebre o teu incanto!
ai! tu bem sabes quanto
perdeu a mãi primeira!

¿Quem é que se extasia
se o dia perde as côres?
¿quem é que sonha flores
ao repontar do dia?

Digitized by Google

Quem na materna face
beijos aos mil desprende,
e a mãi nos braços prende,
antes que um dia passe?

¿Quem sonha o paraiso
ás horas do descanço,
ao estreitar de manso
as prégas d'um sorriso?

¿Quem nos jardins da vida
não entrevê abrolhos?
¿Quem não afoga os olhos
em lagrima sentida?

Ès tu! — Só tu podéste
num laço de alegrias
travar da terra os dias
com o viver celeste!

Digitized by Google

HELENA

A J. ABRANTES

Femina, cosa mobil per natura...
TASSO *(Aminta,* act. I, sc. 11).

Helena, meus senhores,
se é verdade o que dizem as historias,
deixou dos seus amores
perpétuas e tão tragicas memorias,
que eu tremo em vendo que inda alguem adora
as Helenas de agora!

Com Menelau spartano
casada estava ella; mas que importa?
basta passar um anno,
e a Helena mais fiel os laços corta:
quando bem lhe parece, a outro prende,
e... ella lá se intende!

O caso é que em segredo
Theseu a leva um dia, e o pobre esposo
fica a chuchar no dedo,
a sós vertendo lagrimas saudoso
na ausencia do seu bem idolatrado
que um *traidor* lhe ha roubado.

Digitized by Google

Mas a final, Helena
vem — depois d'um viver delicioso, —
a minorar a pena,
a matar as saudades ao esposo:
o rei spartano abraça os seus incantos,
e adeus saudade e prantos!

Na mais doce harmonia
vivia a bella Helena e o rei spartano;
eis senão quando, um dia
lhes entra em casa um hóspede troiano.
Se me lembro, trazia ao rei de Sparta
de Priamo uma carta.

Deixemos a embaixada.
Helena é mesmo um sol, Páris galante,
e não vos digo nada:
amarem-se foi obra d'um instante;
e o maganão, tomando a prenda doce,
até mais ver, safou-se.

Páris e o par amado
satisfeitos pozeram-se a caminho;
e Menelau, coitado,
lá se ficou mais uma vez sósinho.
Mas agora o vereis! — acende a guerra,
e faz tremer a terra! —

De toda a parte chama
reis a vingal-o da traição e engano;
e vai empós de fama
acommetter o pérfido troiano.
Houve proesas; mas a vil tramoia
foi quem arrasou Troia.

Digitized by Google

Não quero agora ler-vos
a historia dos dez annos d'essa guerra;
mas basta só dizer-vos
que os grandes males que então viu a terra
sortiram d'uma causa bem pequena,
d'uma mulher — Helena!

E morto Páris, inda
Helena com Deifobo se desposa;
que uma mulher que é linda,
sempre tem o condão da mariposa,
que, volitando, atrai, prende e enfeitiça
a quanta flor cubiça.

Evaporou-se a essencia
a est'outra flor; e o meu Deifobo — é boa! —
mordeu-lhe a consciencia,
péga em Helena, e a Menelau levou-a!
e, já se vê, o pobre do marido
acolhe o bem perdido.

Ora, o tal rei spartano,
depois de muitas lagrimas, finou-se;
e Cupido magano
mandou então a Helena que se fosse
a espalhar a saudade pelos mares,
tomando novos ares...

Foi ter com um parente;
mas este, que não era para graças,
diz muito boa gente,
que déra fim ás burlas e trapaças
de Helena, que expiou a vida errada
numa arvore enforcada.

Digitized by Google

E as Helenas, hoje em dia
a dizer que nos de agora
não ha a firmeza que havia
nos bellos tempos de outr'ora!

Eu vejo ahi as formosas,
— sem excepção de nenhuma, —
adoradas..., caprichosas...;
mas enforcadas..., nem uma!

Digitized by Google

OS MEUS DESEJOS

Se Deus me perguntasse o que eu queria,
¿que pensas tu que a Deus eu pediria?
¿talvez sabedoria,
como a pediu outr'ora Salomão?
¿ou de Créso os innumeros thesoiros
que assombraram presentes e vindoiros?
Oh! não, mil vezes não!
— Eu calcaria as pompas da opulencia,
eu fecharia os olhos á sciencia,
e só pedira então
— como palma devida ao meu martirio —
respirar teus perfumes, branco lirio,
unir-te ao coração.

Digitized by Google

O LIRIO

A ALFREDO CAMPOS

Perdão, meu Deus! — em hora malfadada
cortei o casto lirio;
e a pobre víctima do meu delirio,
eil-a no chão prostrada!

Ai, como os seios d'alma me lacéra
lembrar-me dos fulgores
que uniam a mais linda de entre as flores
ao sol da primavera!

E eu — impio — fui quebrar o doce incanto
que o lirio ao sol prendia;
sem dó fui enlutar essa alegria
e convertel-a em pranto!

Lembra-me o prado aonde tão felizes
as aves pipilavam
em torno ao branco lirio, que cercavam
gentis, verdes tapizes.

Digitized by Google

Mas calaram-se as aves, quando o lirio
viram na haste ferido,
e o deserto canteiro está vestido
das côres do martirio...

Se da alvorada o fulgido rocio
o lirio prateava,
o lirio em seu hastil se baloiçava
das auras ao cicio.

Atrairam-me as perlas!... Do canteiro
roubei o santo cofre;
e, ao tocal-o, rolou por terra o aljofre
do lirio feiticeiro!

Quando quebrei a urna preciosa
de aroma inebriante
não caiu fulminada nesse instante
a mão do impio Oza!...

Perdão, meu Deus! — manchei num desvario
pétalas tão mimosas!
mas d'estes olhos jorram copiosas
as lagrimas em fio!

Se já não posso dar alento e incanto
á flor que se definha
dá-me, Senhor, que eu lave a culpa minha
nas aguas do meu pranto.

Abril de 1865.

Digitized by Google

CREDO

I

Creio em Deus, porque só Elle
um anjo dar-me podia,
que tais perfeições revele,
que tenha uma tal magia,
como tu, rosa de amor.
Creio nelle! que o Senhor
manda ao mundo, para mim,
do seu ethéreo jardim
a mais graciosa flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
emquanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

II

Eu creio na Providencia,
que me deu um paraíso,

Digitized by Google

que me inflorou a existencia
co'as galas do teu sorriso,
com mil grinaldas de amor.
Creio nella! que o Senhor
meus anhelos attendeu,
como quando concedeu
orvalhos á murcha flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
emquanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

III

Creio na sabedoria
d'esse Deus todo perfeito
que uma alma, num fausto dia,
infundiu dentro em teu peito,
mas uma alma toda amor.
Creio, sim, porque o Senhor
deu-te belleza sem par,
da gasela deu-te o olhar,
deu-te o perfume da flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
emquanto te adoro flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

IV

Creio que além d'esta vida,
d'esta vida transitoria,

Digitized by Google

a minha alma, á tua unida,
viverá na eterna gloria,
alimentada de amor.
Creio, sim! porque o Senhor
nossas almas não quer ver
desunidas fenecer
como a essencia d'uma flor.

¿ É errada a minha fé?
oh! não! — Se eu te adoro, flor,
tambem adoro o Senhor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

Digitized by Google

SAUDADE

Á beira d'um tumulo

Nos extremos do horisonte,
o sol poente fluctúa,
e da serra na clareira
fagueira
lá surge a lua.

A viração vespertina,
— gemido de órgão ethéreo,
segréda um canto de dores
ás flores
do cemiterio.

Roxos lirios e saudades
ladeiam campa gelada,
e a sombra da cruz se estampa
na campa
humilde e ignorada.

Digitized by Google

Mas á beira d'este tumulo
¿ que diz esta dôr tamanha ?
¿ porque ao céu o olhar levanto,
e o pranto
as faces me banha ?

Porque eu vi o tenro lirio
murchar á luz da alvorada,
perder o suave aroma,
a coma
pender nevada !

Deus ! ¿ não tinhas milhões de anjos
na tua côrte celeste ?
á gloria do paraiso
preciso
inda era mais este ?

Bem sei eu que a branca nuvem
desampara o charco immundo ;
bem sei que a pomba de neve
não deve
viver no mundo !...

Mas se era a minha ventura
e na terra a minha guia !
se era na vida mesquinha
a minha
doce alegria !

Digitized by Google

Ás vezes, quando o sol, tibio,
no oceano se atufava,
e do bronze a voz sentida
na ermida
ao longe soava;

quando a triste lua ermava
do céu na vasta planura,
espelhando o rosto mago
do lago
na face pura:

da meiga virgem da noite
eu via que tinha zelos;
ella ao céu a fronte erguia,
sentia
vagos anhelos!...

Oh! ella tambem sabia
onde existe o prazer todo!
e bem sabia que a terra
encerra
só negro lodo!

Minha irman! se entre os arcanjos
te lembras de a quem na vida
só deixaste, ó lirio santo,
o pranto
da despedida:

Digitized by Google

pede a Deus que esta saudade
vá sorrir hoje ao teu lado,
— ao lado da débil rosa
formosa
do meu passado!

Que Elle a minha alma anciosa
desprende dos térreos laços,
e que após suave morte
eu corte
os azues espaços!

Pede a Deus que por piedade
a esse leito me arroje,
e dos céus no santo abrigo
comtigo
me junte ind'hoje!

Lobão, 1862.

Digitized by Google

ALBA LIGUSTRA...

A UMA ALDEÃ

Que escutas? Que harmonia seductora
te enleva assim nesse êxtase, donzela?
Meu Deus! bem sei! — ai, linda, tem cautela,
não escutes a orquestra do salão!

D'um baile a doce orquestra é a sereia
seu canto traiçoeiro modulando:
ah! não te atráia o som que, doce e brando,
rompe além d'entre as flores do salão.

As flores do salão! lindas parecem
mas escuta-me tu, pomba innocente:
não queiras volitar nesse ambiente
que cérca as lindas flores do salão.

Ellas lá brilham, donairosas, bellas,
cheias de incantos; das formosas comas
jorram celestes, divinais aromas,
que inebriam os pares do salão.

Digitized by Google

Mas se lá fosses, lá verias, linda,
tambem alegre a doida borboleta
haurir perfumes, volitando inquieta,
e arder depois nos lustres do salão.

Lá verias, ao fim da ardente valsa,
de cada murcha flor pendida a frente,
e logo vel-as-ias tristemente
caídas tapetarem o salão.

Não escutes a orquestra, ouve o meu canto,
ouve-me só a mim, pomba innocente:
não queiras volitar nesse ambiente
que cérca as lindas flores do salão.

A flor, que entra ao salão, vive um momento;
tu, creada ao ar livre das campinas,
não vês jámais as faces purpurinas
murchar ao ambiente do salão.

Como a chamma onde vive a salamandra,
de meu seio te alenta o puro fogo,
emquanto a borboleta morre logo,
se pairou sobre os lustres do salão.

D'aqui, vemos a lua toda a noite,
e vel-a-hemos repontar ainda;
mas o esplendor d'um baile em breve finda:
finda a noite, e deserto eis o salão.

Aqui, o amor, a paz, a lealdade,
a vida, as bençãos de ditosa sorte;
além, traições, enganos, guerra e morte
sob o goso apparente do salão.

Digitized by Google

Não te deixes levar d'um ambiente
que murcharia essa gentil capella!
Ah! não te illudas, virgem, tem cautela,
não escutes a orquestra do salão.

Digitized by Google

O ESPELHO MAGICO

Dizes-me tu que as estrellas
fogem á luz do arrebol,
e que ninguem pode vel-as,
quando já dardeja o sol.
Mas olha, estás enganada:
nem toda a estrella se occulta,
mesmo depois da alvorada.

Senão, já que é dia agora,
vai, caminha, desce ao val,
e inclina essa fronte loura
na lagôa de cristal.
E o cristal que te revela?
olha bem: no azul das aguas
não vês sorrir uma *estrella?*

Digitized by Google

HARPEJO

E vidi lagrimar che duo bei lumi
ch'an fatto mille volte in vidia al sole.

PETRARCA.

Se soubesses quanto peno,
minha flor,
quando o teu olhar sereno
turva a dor,

quando um véu de funda mágua
vejo ir
os teus olhos rasos de agua
encobrir,

quando um ai do seio exalas,
flor do céu,
e me escondes tuas falas,
anjo meu;

e se visses que almo gosto
reina em mim
quando alegre esse teu rosto
vejo emfim;

Digitized by Google

se meu seio examinasses,
fosses ver
quando anima tuas faces
o prazer,

e teus olhos scintillantes
vejo a par
como dois astros amantes
palpitar;

quando corres vaporosa
para mim,
como a doida mariposa
do jardim;

quando, longe dos abrolhos,
vejo em ti
céu de amor, que dos teus olhos
me sorri:

ai, se visses! ... se soubesses! ...
então, sim:
ouvirias minhas preces,
querubim!

De minha alma doce incanto,
casta flor,
¿porque choras? Susta o pranto,
deixa a dor.

Eu bem sei sei que te oprime
a afflicção,
como o sul que verga o vime
para o chão.

Digitized by Google

Oh! mas vai nessas campinas
respirar
o perfume que as boninas
te hão de dar.

Vai, que o céu é lindo; e o prado
te sorri
com mil flores que ha guardado
para ti.

E se á tarde pende a côma
cada flor,
é perpétuo o santo aroma
d'este amor.

Digitized by Google

PIRILAMPOS

TRADUCÇÃO DO INGLEZ

Sumiu-se o sol. É noite. Só nos campos
luzem por sobre a herva os pirilampos;

porém estes clarões são tão escassos,
que nem dirigem do viajor os passos.

Tambem aquelle que em sua alma apaga
a luz da fé, em trevas erra e vaga

em pós d'uma razão escurecida,
que ignora a senda da futura vida;

e seguindo essa falsa claridade,
abisma-se no mar da eternidade.

Digitized by Google

VERSÃO D'UM EPIGRAMMA DE SANNAZZARO

Tal ardor o meu peito por ti sente,
que os olhos suam liquidas scentelhas!
— Sou um Nilo de lagrimas, em quanto
no peito sinto um Etna escandescente!
Oh pranto! apaga-me este fogo ardente!
Oh fogo! enxuga meu continuo pranto!

Digitized by Google

IMPROVISO

Bem sei que o gêlo do inverno
só tristezas reverbera;
mas se, pródiga de incantos,
dos annos a primavera
em tua fronte sorri,
¿ porque repelles de ti
a santa luz de alegria,
e por entre um véu de lagrimas
olhas além no horisonte
a neve que o vento envia
ás cumieiras do monte?
¿ porque miras tristemente
com esse olhar maguado
aquelle arroio gelado
que além sustou a corrente?

Afasta os olhos do gelo;
o monte, não queiras vel-o,
nem as neves que lá vão
dependurar-se na crista

Digitized by Google

que no horisonte se avista
através d'esta janela
açoitada do aquilão!
Vem, inclina-te em meu seio,
e, se lhe ouvires o anceio,
contente verás então
que, se o rigor da estação
tudo lá por fóra géla,
não géla meu coração!

Digitized by Google

MEDITAÇÃO

no dia de defuntos

Je ne cacherai pas au peuple qui m'écoute,
que je pense souvent à ce que font les morts.

V. HUGO.

Através dos escuros horisontes
não rompe a luz do sol;
espesso nevoeiro cai dos montes
empanando o arrebol;

o sacro bronze geme além na torre
da velha cathedral,
e o som funéreo lá se extingue e morre
entre as nevoas do val;

lagrimas puras a manhan goteja
na cruz do mausoléu,
e d'entre as naves da sombria egreja
vão supplicas ao céu.

. . . . . .

No entanto o meu espirito vacilla
entre a razão e a fé:
sai do involucro, e após tenue favilla
divaga, busca... o que?

Digitized by Google

Da dúvida no ermo Esfinge errante,
pergunta á terra e aos céus
onde o Edipo, que emfim, que emfim levante
da eternidade os véus.

Quer mergulhar a sonda da verdade
no abismo da creação;
saber se do universo á immensidade
preside um Deus ou não!

se o mundo da razão escurecida
nas trevas se involveu;
se marcha para a terra promettida,
ou se é mentira o céu;

se a alma, que no mundo vive e sente,
é mitho ou sonho vão;
e quer saber se as orações do crente
valem aos que lá vão:

quer saber se no pó da sepultura
o homem acabou,
ou se — da morte além — renasce e dura
a argilla que quebrou...

Do mar da eternidade cada onda
eu interrogo em vão:
nesses abismos que minha alma sonda
não vejo um só clarão!

E o espirito percorre a escura senda,
mas nada pode ver:
do *Nada* ás portas a infernal legenda (1)
do Dante cuida ler.

(1) *Lasciati ogni speranza voi ch'entrate.*
INF. I.

Digitized by Google

Mas não! — em vez do distico de Dante,
além dos mundos vê
suave, meiga estrella rutilante,
com legenda — *fé!*

e a *fé* mostra-me o Deus da eternidade
guiando as gerações,
e dos crentes que adoram a *Verdade*
ouvindo as orações.

E eu oiço — não sei donde — os ais sentidos
de amigos, pais e avós;
e escuto entre clamores e gemidos
— orai, orai por nós!

Viseu, 1865, 2 de novembro

Digitized by Google

HORACIO A NERA

(Epod. XV)

Era uma noite... lembras-te?
brilhava o firmamento,
e á luz da lua pálida
ouvi teu juramento.

Abriste os braços languidos,
ao peito me apertaste
como se abraça ás arvores
a hera, e assim juraste:

«Emquanto — ouve e acredita-me —
emquanto o alvo cordeiro
fugir do lobo rábido,
do lobo carniceiro;

e o inverno negar tréguas
á onda enfurecida;
e emquanto o sol esplendido
dér luz, amor e vida:

Digitized by Google

eu juro, amigo, juro-te,
que sempre d'este peito
beijos virão aos labios
em troca dos que aceito!»

Ai, Nera! o teu perjurio
roubou minha alegria;
mas destilar-te lagrimas
hade uma dôr tardia!

Sim, hade, quando pérfida
não aches, ao fugir-me,
em teus errados tramites
amor assim tão firme;

e eu busque aceso em cólera
quem mais fiel me fale,
e me traduza em osculos
amor que o meu iguale!

Então, se a mim, se á victima
pedirem os teus prantos
perdão para o perjurio,
não cedo aos teus incantos!

E tu, homem feliz, que em gozo te extazias,
libando beijos mil num rosto festival,
cospes no denso véu, que me escurece os dias,
folgas co'a minha dor, e ris do alheio mal.

Rico, bem sei que o és, e sabio entre os mais sabios;
bellesa, vejo que és mais bello que Nireu;
mas, ah! virá um dia, em que seus tredos labios
Nera inda os ceda a outro, e então me rirei eu!

Digitized by Google

AO NASCER DO SOL

(Imit. de Hervey)

As sombras do crepusculo
dissipam-se ao chegar
do sol, que beija esplendido
o val, o monte e o mar.

A flor extreabre o cálice
aos osculos do sol;
e erguendo a voz os passaros,
saúdam o arrebol.

É tudo um himno, um cantico
que se ergue ao Creador:
formam concerto unisôno
á ave, o rio, a flor.

Se a flor e o rio e os pássaros
a Deus louvando estão,
não guardes tu silencio,
ó rei da creação!

Digitized by Google

VINTE ANNOS

Que idade florida e bella
a dos vinte annos! não é?
ornada, embora singela,
de esp'ranças, amor e fé!

TH. RIBEIRO.

Riso e festa! Cantemos, pomba angelica,
arcanjo de harmonia!
casa ao meu o teu canto, neste dia
do meu anniversario!
Tu és quem da ventura com a auréola
a fronte me ha cingido;
quem na senda da vida me ha sparzido
flores de matiz vário!

A ti pois é que eu devo o immenso júbilo
que da alma me transborda;
que a tua voz é o éco que me acorda
ao goso da existencia!
Amêmol-a, esta vida, embora rapidos
perpassem nossos dias;
tomemos gratos tantas alegrias
das mãos da Providencia!

Vai ao campo colher cecens e lirios,
e entretecer capellas;

Digitized by Google

e depois pressurosa vem com ellas
a coroar-me a fronte!
Perdão! — o outono vai despindo as arvores,
roubando-lhe'os verdores,
e já não vejo variegadas flores
no valle nem no monte!

E que importa? que importa que entre névoas
o outono se aproxime,
despindo o annoso abeto e o molle vime,
e emurchecendo as flores?!
Pode o vento rugir, e esvoaçar lúgubre
sobre gelos eternos,
não inlutam outonos nem invernos
a quadra dos amores.

Oh! deixa a natureza melancolica,
afasta os olhos d'ella!
— vem, corre para mim, que tu és bella,
e a nossa estação linda!
linda como tu vês: sorrí ás furias
de vendavais infrenes;
seus risos, suas flores são perenes,
o aroma nunca finda!

Se murcham nos vergeis grinaldas flóridas,
corôa-me de abraços;
rosas de amor venham tolher meus passos,
rosas de matiz vário.
E eu folgo e canto! Canta, pomba angelica,
arcanjo de harmonia!
casa ao meu o teu canto neste dia
do meu anniversario!

19 de setembro de 1866.

Digitized by Google

PSALMO DE DAVID

(CXII)

I

Erga louvor a Deus o humilde e o innocente,
e o nome do Senhor bemdiga eternamente:

II

desde o raiar da aurora até o sol se pôr,
bemdito seja sempre o nome do Senhor!

III

Acima das nações se eleva a magestade
d'Aquelle cuja gloria abrange a immensidade!

IV

E Deus, que lá em cima a sua mansão tem,
não sofre — o meu Senhor — confronto com alguem!

Digitized by Google

V

É grande, sim! Mas Deus, na terra e nas alturas,
attende e escuta sempre humildes creaturas;

VI

e o pobre e o desvalido ampara, e quando quer
leva a fecundidade ao seio da mulher.

Digitized by Google

RIPOSO SULLE RIVE DEL BOSFORO

Calou-se a branda festa
das aves na folhagem.
Adormeceu a aragem.
Ardente vai a sesta.

Da olaia a sombra doce
buscou do monte á falda,
e em leito de esmeralda
a bella reclinou-se.

Na mão apoia a fronte,
os olhos vai cerrando...
Domina-a sono brando,
ao tintilar da fonte.

O ardor do sol a pino
côa-se na ramagem;
afasta-se a roupagem
do seio ala bastrino;

Digitized by Google

a trança se desprende,
e a beijos mil se atreve,
mal occultando a neve
que chammas na alma acende.

Digam-me agora os labios:
¿ que diz aquelle anceio,
que nasce lá no seio
e vem morrer aos labios ?

Vejo que está sonhando;
sonha a gentil donzela;
mas que sonhará ella
naquelle sono brando ?

Eu vou, eu vou sabel-o !
«O seio não me escondas...
deixa afastar as ondas
do trémulo cabello...

— Quero escutar-te ao perto
as pulsações do seio:
o sonho que te veio
quero saber ao certo!..

Perdôa, se é peccado
sondar um peito alheio !
Perdôa ! no meu seio
tudo será guardado...»

Meu peito se arreceia
de lhe tocar o peito...
reclino-me no leito,
e a trança nos enleia.

Digitized by Google

Dos labios seus á beira
sinto assomar meu nome:
nos braços estreitou-me,
dormindo, a feiticeira.

7 de abril de 1866.

Digitized by Google

O RAMILHETE

(IDILIO DE GÉSSNER)

Eu hontem vi-a outra vez!
Sempre linda! linda! — Eu vi-a,
mas maior dita seria
não a ter visto, talvez...

Para fugir ao calor,
junto á beira de um riacho,
e de um saissal por debaixo,
a descançar me fui pôr.

A ramagem do saissal
por sobre mim se inclinava,
e cópáda se espelhava
no riacho de cristal.

Eu, como contando vou,
repoisava descuidoso;
mas desde então o repouso
nunca mais me procurou!

Digitized by Google

Dormitava, quando eu
senti passos no arvoredo:
os olhos voltei a medo,
e vi... um anjo do céu!

Era ella! mas não fez
por ver-me, e a branca anágua
levantou, e dentro d'agua
entrar vi seus lindos pés.

Curvada, o rosto gentil
com uma das mãos lavava,
e co'a outra segurava
a saia da côr do anil.

Pára em fim. Põe-se a mirar
suas formas peregrinas
nessas aguas cristalinas
com seu gesto de incantar.

Deita os olhos em redor,
e de mirar-se não cança,
recompondo a loira trança,
abrindo risos de amor.

— Por quem — dizia eu a sós —
palpita alegre o seu seio?
que nome em seu riso leio,
no riso, á mingua de voz?! —

Porem, ao mirar-se assim,
cai-lhe do seio formoso
ramilhete gracioso,
que o rio trouxe até mim.

Digitized by Google

Depois... — suspirar em vão! —
lá se foi por onde veio!
E o ramilhete... beijei-o,
cheguei-o ao meu coração!

O meu ramilhete, á fé,
que por nada o venderia;
mas, se thesoiros valia,
eil-o em nada — murcho é.

São dois dias que lá vão,
e já cada flor singela,
que brilhou no seio d'ella,
pende a coma para o chão!

Perdido tempo lá vai!
— de noite o orvalho, e de dia
regou-as sempre agua fria,
e ellas... murcham-se num ai!

Oh, como eram bellas! sim,
eu amava as minhas flores:
tais perfumes, e tais côres
não achei n'algum jardim!

Inda a abrir, as pude ver
naquelle seio tão bello!
E o meu ramilhete... vel-o,
vel-o assim emurchecer!

Já me não falam de amor,
as minhas queridas flores!
esmaiam as suas côres!
perdem perfume e viçor!

Digitized by Google

Deus do céu, não queirais, não,
que a sorte das minhas flores
presagie fundas dores,
que enlutem meu coração!

Digitized by Google

SOBRE UMA CAMPA

Á EX.ma SR.a D. HELOÍSA J. DE SALES E SILVA DE MENDONÇA

¿Porque triste ao céu levantas
os teus olhos rasos de agua?
¿Quem te espalhou no teu rosto
a nuvem de intensa mágua?

¿Por quem é — dize, confessa —
¿por quem é que choras tanto?
¿Que nome é esse tão doce,
que faz destilar teu pranto?

Perdôa, perdôa, oh bella,
se venho, oh pálido lirio,
profanar com voz mundana
o silencio do martirio!

Mas é tão doce e suave,
na via-sacra da vida,
juntar ás lagrimas de outrem
uma lagrima sentida!

Digitized by Google

Talvez que eu antes devêra
rasgar os véus da tristura,
e enxugar bagas de sangue
nos caminhos da amargura!

Porém, venha alguem dizer-me
quem entre os homens é que hade
sustar a doce corrente
ás lagrimas da saudade!

Depois, o pranto saudoso,
que nos sái do fundo da alma,
é que por fim tantas penas
e tantas dores acalma.

Perdeste-o? chora-o, senhora,
que o chorar é puro e santo!
seja um balsamo suave
cada baga do teu pranto!

Chora-o! que ao fim das tuas agonias,
e quando á noite as palpebras cerrares,
talvez que venha, dividindo os ares,
agradecer-te os prantos que lhe envias.

No mundo todos têm o seu calvario,
e a via-sacra nos conduz ao céu:
toma essa cruz, e banha-a nessas lagrimas!
se é pesada, serei teu cirenéu!

Digitized by Google

VINGA-TE!

Como dama que foi do incauto amante
em amorosos brincos maltratada...

CAMÕES.

E queixas-te, porque ousei
tocar no vedado pomo,
furtando-te um beijo — como
se o amor tivesse lei!

Não foi culpa; mas emfim
eu sei o que são mulheres! —
queres o teu beijo; queres
que t'o restitúa; sim?

Não queres?! Não basta só
que o beijo te restitúa?
Cruel! é vontade tua
vingar-te de mim sem dó?

Paciencia! Vinga-te pois,
vinga-te pois sem tardança:
não demores a vingança!...
furtei-te um? furta-me dois.

Digitized by Google

A FÉ

Virgem celestial,
de gesto sem segundo,
nas trevas d'este mundo
tu és o meu fanal.

Formosa, sei que o és;
mas onde estás, formosa?
dize! que esta alma anciosa
te irá cair aos pés!

Louco! — Em o seio meu
ella gravar-se veio,
jorrando-me no seio
as luzes lá do céu.

Vejo-a, — d'um casto alvor
cingida a fronte calma, —
a despertar-me na alma
visões d'um santo amor.

Digitized by Google

Oiço-lhe a voz que diz
segredos de outra vida:
da terra promettida
me fala, e a Deus bem diz.

Certo que voz assim
vir só podia d'onde
aos homens Deus se esconde,
e o anjo, e o querubim.

Oh! não me engano, não! —
a voz que seduz tanto
é nota de algum canto
da perennal Sião!

que a fé, mandou-m'a Deus
lá d'esse céu profundo,
e a fé desceu ao mundo
para me erguer aos céus.

E ella me guia, a fé,
por flóridos caminhos,
furtando-me aos espinhos
que est'alma a sós não vê.

No rir de cada flor,
da rosa no veludo,
ensina-me e eu estudo
o nome do Senhor.

Ás vezes, quando além
rebrilha o sol no espaço,
ella me aponta o braço
que o sol no céu sustem.

Digitized by Google

Diz-me que a mão de Deus
solta ou infreia o vento,
e pode num momento
fundir a terra e os céus.

Diz-me tambem a fé
que é sonho da alvorada
a vida; o mundo, nada;
que o homem nada é!

Que é nada o homem sim,
mas que — depois — um dia
eterno principia,
d'esta existencia ao fim!

Que além da vastidão
d'essa azulada esfera,
eterna primavera
os bons disfructaram!

E diz-me ainda a fé
que nesses mundos de oiro
franqueia o seu thesoiro
aos bons *Aquelle que é!*

que os olhos erga aos céus,
e os passos meus escude
na sólida virtude,
para chegar a Deus.

. . . . . .

Emquanto eu não entrar
nessas mansões felizes,
repete-me o que dizes,
meu anjo tutelar.

Digitized by Google

PRISÃO DE AMOR

(Versão d'um epigramma grego)

Um dia cortou ella um só cabello
da longa e fina trança de oiro bello,
e as duas mãos com elle me ligou.

Deixei ligal-as, e sorri-me quando
vi facil o quebrar o laço brando
com que a travêssa minhas mãos atou.

Mas quando de tão frágil embaraço
me quiz livrar, achei que o brando laço
numa dura cadeia se tornou.

Digitized by Google

TUI

Tu és a pomba nívea
de collo de marfim!
És da harmonia o genio,
que me inspirou a mim!

Tu és, linda, tu és
a nuvem de Moisés:
dás-me caminho certo,
da vida no deserto.

Tu és a fonte limpida
que entre perfumes veio
dessedentar meu seio
com saboroso néctar.

Tu és a branca fada
de gesto incantador,
que pelo sol do amor
deixa o luar dos trópicos.

Digitized by Google

Tu és a pura auréola
que Deus, tres vezes santo,
concede ao crú martirio
que destilou meu pranto.

És solitaria ermida,
onde, em celestes gosos,
esqueço os espinhosos
desvios d'esta vida.

Tu és a cruz modesta,
que os braços teus abriste
ao viandante triste
que ermava na floresta.

Tu és a verde palma
em um Saharà sem fim,
onde abrigar-me vim
das tempestades da alma.

Tu és a flor da aurora,
que da doirada côma
me dá o santo aroma,
e os dias meus inflora.

Tu és o meu thesoiro
que apérto contra o peito,
tão rico, que rejeito
por elle cofres de oiro.

Tu és, ó virgem bella,
tu és minha alegria,
tu és a minha guia,
tu és a minha estrella.

Viseu, 1865.

Digitized by Google

MÃI E FILHA

Bemdita sejas tu. Quando se esconde
debaixo da tua aza o que geraste,
abraça e beija os anjos Deus, lá onde
a jarra está da flor de que és a haste.

J. DE DEUS.

— ¿Inda agora, minha filha?
Toda a tarde sem te ver!
És ainda pequenina,
bem te podias perder.

Depois, bem vês que os meus beijos
não pedem tal desamor:
eu quero a cada momento
beijar-te e abraçar-te, flor.

Mas já que por tantas horas
não logrei os risos teus,
vem pagar o que me deves,
chega teus labios aos meus.

— Eu tambem amo os teus beijos,
tambem sei que sou pequena;
mas o sol ia tão brando,
e a tarde ia tão serena!

Digitized by Google

E as florinhas pareciam
convidar-me só a mim!
Depois — confesso — deixei-te
e fui brincar ao jardim.

Ora sentada na relva,
ora atrás das borboletas,
ora a mirar-me na fonte,
ora a apanhar as violetas.

Já me esquecia, perdôa-me,
já me esquecia de ti.
Depois, tive tanto medo,
tanto medo, que fugi.

O sol havia-se posto,
e vi nos montes d'além
erguer-se uma nuvem negra...
relampejar... Olha, mãi!

Jesus! Mãi! Se a trovoada
me apanhasse no jardim,
ao ver-me ali tão sozinha,
ai, que seria de mim?!

— D'ahi vês que nem Deus gosta
de que tu, sem nenhum dó,
esquecesses meus abraços,
e aqui me deixasses só.

Ergue pois tuas mãosinhas,
e pede tambem a Deus
que te perdôe e que afaste
aquella nuvem dos céus.

Digitized by Google

Pede! que ámanhan de tarde
desceremos ao jardim;
ao jardim iremos ambas,
mas não tornes lá sem mim.»

Unida ao collo materno,
a filha orou com fervor,
e a prece da innocentinha
foi ouvida do Senhor.

Quando a nuvem se esvaecia
sobre as montanhas d'além,
a filhinha adormecia
nos braços de sua mãi.

Digitized by Google

ADEUS

(IMPROVISO)

Deixa cair já agora as tuas lagrimas
sobre o sacrario d'um amor tão triste!
Deixa! talvez que em breve o riso e o jubilo
venha seccar teu pranto: Deus existe,

e Deus não quer que a nuvem, sublimando-se
ás alturas do céu, entolde a estrella,
sem que a estrella, ao roçar da aragem tépida,
rebrilhe em céu azul, nitida e bella!

— Ergue os olhos a Deus! nunca o martirio
nos excrucia, sem nos dar a palma!
nem eu te deixo a sós co'as tuas máguas:
por companheira, fica-te a minh'alma...

Deixo-t'a, e vais comigo! — este misterio
hade sondal-o quem sondar o oceano,
ou quem apreciar uma só lagrima
que resvale em teu rosto sobre-humano!

Digitized by Google

Oh! vais comigo, sim! o céu alliga-nos,
¿e d'est'alma quem pode separar-te?...
— a tua imagem vaporosa e candida
hei de vel-a ao meu lado em toda a parte!

Sempre que o sol desponte sobre o Herminio,
ver-te-hei *ainda* nesse mago instante
á janela assomar, e os braços niveos
recruzal-os no seio palpitante!...

Quando saudosa modulares canticos,
e o piano gemer sob os teus dedos,
hei de escutar-te ao longe a triste musica,
e comprehender *ainda* os teus segredos!

Á tarde, quando o sol, já froixo e tibio,
me diga o extremo adeus, ver-te-hei *ainda*
inclinando na mão a fronte languida,
vergando á dôr d'uma saudade infinda!

E quando... Ai! eu não sei que voz tão intima
impõe silencio á voz, que os labios vibram:
pois quem desligará dois fachos trémulos
que Deus uniu, e que no céu se libram?...

Quando a noite desdobra a immensa cúpula
cravejada de estrellas scintillantes,
¿não tens visto dois astros a sorrirem-se,
e a mutuarem-se um olhar de amantes?

Bem pode a tempestade erguer-se em furias
e turbar-lhes a face alegre e linda;
mas, oh! se os contemplares d'hoje a um seculo,
no mesmo posto os acharás ainda!..

Digitized by Google

É esse amor como este amor santissimo,
sem fim, sem mancha, sem o pó da terra!
é essa luz como esta luz perpétua
que este meu seio e o seio teu encerra!

Deixa pois deslisar as tuas lagrimas,
as lagrimas que insulta a primavera,
e eleva os olhos a um futuro esplendido!
Curva-te pois ao meu destino e espera!

Quando eu voltar, e no cristal purissimo
dos olhos teus me for mirar *ainda*,
fresca, louçan, se intoucará de pérolas
a primavera graciosa e linda!

Hoje ri ella, e esse riso insulta-nos,
porque á ledice não se casa o pranto,
porque a amargura nos assoma ás palpebras,
porque se quebra o nosso doce incanto.

Ai, vou deixar-te! Adeus!... Os labios tremulos
mal traduzem a mágua que me assiste!
— levo comigo a tua imagem candida,
deixo a minh'alma neste adeus tão triste!

Digitized by Google

FLORES TRISTES

Eu amo a virgem que ao cair da tarde
vagueia triste, pensativa e pallida
entre as flores que pendem sobre as campas.

E eu vi-a! Ás auras soltas suas tranças,
vestes aéreas como as azas de anjo,
em seu profundo olhar um véu de lagrimas,
e nas mãos uma c'rôa de saudades,
dil-a-ieis o arcanjo das tristezas
a sondar os misterios de além-tumulo!

Os olhos côr do céu, volveu em roda,
e as tristes flores conchegando ao seio,
em lápide singela foi depol-as.
E chorou, e chorou, como se a aurora
beijar viesse aquella flor da tarde,
E seus gemidos ensinando ás auras,
soltou dos labios seus toada ignota,
similhante á do anjo que roçasse
co'as azas candidas uma harpa ethérea:

Digitized by Google

—«Sombra, que esta alma depós ti arrastas,
¿porque sempre me illudes e me foges?
Vejo-te a fronte pallida e serena,
como quando te ouvi o adeus extremo;
e, se vou imprimir-lhe um beijo ardente,
á fria lage cólam-se meus labios.
Teus braços vejo abertos, e em delirio
vou nelles me lançar... e sempre o nada!...
Oh! se a ventura é flor immarcessivel
que brilha nos jardins d'além dos mundos
e não pode aclimar-se cá na terra,
em breve dá-me que eu, feliz, comtigo
partilhe os gosos d'esse abril eterno!»—

E chorou, e chorou, como se a aurora
beijar viesse aquella flor da tarde.

Por fim, sentou-se á sombra do cipreste,
e a frente reclinou no ebúrneo seio;
chorou, e suas lagrimas correram
sobre as flores mirradas dos sepulcros;
gemeu, e seus gemidos o cipreste
repetiu, baloiçando a triste coma.

Mas breve se estancaram suas lagrimas;
veio a noite, e cessaram seus gemidos:
lá dorme ainda á sombra do cipreste,
e o rei do cemiterio inda hoje, triste,
da triste que morreu os ais murmúra.

Eu amo a virgem que ao cair da tarde
deixa do mundo as mentirosas flores,
e vai chorar á sombra do cipreste.

24 de abril de 1864.

Digitized by Google

A...

Agora que vejo proximo
o momento da partida,
e que te venho, querida,
adeus saudoso dizer;
agora que tuas pálpebras
humedece triste pranto,
e que vai quebrar-se o incanto
do nosso feliz viver:

quero levar um perpétuo
penhor da tua ternura,
para que na senda escura,
onde não verei o sol,
me guie o reflexo pálido
dos fulgores do passado,
e no meu porvir cerrado
veja uma esp'rança, um farol.

Quero esse fio de pérolas
que te orvalha o rosto bello:

Digitized by Google

vem, querida, desprendel-o
de meu seio no calor.
Qual salamandra, essas lagrimas
ficarão eternamente
no meio da chamma ardente...
da chamma do meu amor.

Viseu, setembro de 186...

Digitized by Google

SAUDADES

Quando a noite desdobra o estrellado manto,
e em cima da montanha a lua palideja,
o genio da saudade em torno a mim adeja,
silencioso então dos olhos cái-me o pranto.

O espirito revôa ás noites do passado,
e do passado evoca os brilhos e os fulgores:
lá — fosse dia ou noite — em tudo, em tudo amores,
amor dizia a lua; *amor* o sol doirado.

A lua! Ella bem sabe os canticos e harpejos
que eu soltava ao clarão dos mil celestes lumes;
ella bem sabe ainda os risos e os perfumes,
que a minha flor me dava em troca de meus beijos!

Que noites! que prazer! que sonhos! que ventura!
que auréola deslumbrante então nos involvia!
naquella doce voz que incantos! que magia!
naquelle terno olhar que luz suave e pura!
. . . . . .

Digitized by Google

¿Recordas-te de quando a lua tentadora
cheia de luz surgiu da serra na clareira,
e uma nuvem surgiu tambem, tenue, ligeira,
a lua sombreou, e foi-se espaço em fóra?

Se te recordas tu! — um íntimo receio
o seio te agitou, turbou-te um pouco a face;
mas quando a nuvem tenue se esvaeceu fugace,
teu rosto serenou, calmo ficou teu seio.

E a lua proseguiu, cortando a immensidade;
e a lua inda hoje brilha e segue o mesmo trilho!
mas, oh! quanto é mais triste e pállido o seu brilho,
visto assim através do pranto da saudade!

Digitized by Google

SAUDADES DE MÃI

Á EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. MARIA EMILIA DE ABREU E BARROS CARDOSO

modelo das mãis extremosas, no passamento d'uma sua filhinha de dois annos

— E nunca mais te ver!
Ai, filha! que o meu peito
não possa ser o leito
aonde vais jazer!

Eu te guardára, flor,
no peito solitario,
como hostia num sacrario,
filha do meu amor!

. . . . . .

E que não queira Deus
restituir-m'a agóra!
Senhor! da mãi que chora
lembrai-vos lá dos céus!

. . . . . .

Se escuto o coração,
sofro, e não sei que sinto! —
vai-se-me quasi extinto
o lume da razão!

Digitized by Google

Não sei que peça a Deus;
mas tu, filhinha, o sabes:
se no meu seio cabes,
¿ porque te vais aos céus?

Deixa-te aqui ficar!
e quando me negares
teu riso e teus olhares,
comtigo hei de chorar!

Mas chama-te o Senhor!
abrem-se-te os espaços!
estalas meus abraços!
filhinha, meu amor!

Se Elle te chama, vai! —
dos valles branco lirio,
vai perfumar o empireo...
chama-te o que é bom Pai!

Mas lembra-te de lá,
dos reinos da alegria,
de quem em ti se via,
e não te abraça já!

Não mais te abraçarei
bem como o arbusto á hera:
eu sei que não se altera
do meu Senhor a lei.

E quando em sonhos meus
num berço fôr curvar-me,
não poderei mirar-me
na luz dos olhos teus.

Digitized by Google

Não mais verei abrir
teus labios em carinhos;
nem mais os teus bracinhos
te hão de ao meu collo unir!

Pombinha, parte, vai!
terás lá nessa altura
por mãi a Virgem pura
e o nosso Deus por pai!

Vai, que te chama Deus,
e Deus é justo e sábio!
Descola-me o teu lábio!
adeus, filhinha, adeus!

Cassurrães, 1866, 9 de dezembro.

Digitized by Google

VERSOS D'UM PSALMO DE DAVID

(CXXXVIII, 7—14)

Senhor! ¿ onde esconder-me um dia aos teus olhares?
Se me transporto aos céus,
Tu lá estás! se desço, encontro-te, meu Deus,
no fundo dos algares!

Se ao arraiar do dia eu fôr co'o sol brilhante
sumir-me além do mar,
ainda lá me hade ir a tua mão guiar,
seguindo-me constante.

Se a noite eu procurar, fugindo á claridade,
para guardar em mim
segredos de prazer..., meu Deus, ainda assim
ver-me-has na escuridade!

Pois nas trevas que Tu a cada noite envias
não achas cerração!
A Ti nada se occulta: as mesmas noites são
tão claras como os dias!

Digitized by Google

JA' VI!

No album da Ex.ma Sr.a D. Bernardina Victoria da Costa Cabral de Castro, em seguida a uma poesia de Thomaz Ribeiro, intitulada DIZEM, e que termina assim:

Quero offerecer-te um himno,
mas quando disser: já vi!

Diziam que eras formosa;
diziam que era o teu seio
sacrario de terno affecto;
que o teu olhar indiscreto
revelava a profundeza
da tua alma generosa,
do teu nobre coração;
que o sol da tua belleza
fôra o sol da inspiração,
fôra a musa inspiradora
de vates que nem eu sei.
Aonde quer que cheguei,
ou á cidade ou á aldeia,
diziam, á boca cheia,
louvores que eu calo aqui.
E não mentiam, senhora,
porque emfim... eu *já te vi!*

Se *tudo o que é bom cativa,*
e se *o que é bello inebria,*

Digitized by Google

permitte que aos teus ouvidos
chegue esta froixa harmonia
dos versos que eu traço aqui.
É pobre a minha homenagem;
mas que o viandante da vida
erga na sua passagem
— ao chegar junto de ti —
um marco á beira da estrada!

Ergui-o! guarda-o, senhora,
que eu sigo a minha jornada!
Se nunca em vida podér
voltar á estancia adorada
onde vim o marco erguer,
e longe me houver levado
o tempo que tudo some,
abre então o livro íntimo,
deita os olhos ao passado,
e lê o meu pobre nome!

Em paga... não sei se o diga!
Em summa, se alguem disser
que exageram teus louvores,
que não és mais que mulher,
appareçam campeadores,
crusarei armas por ti!
Não é difficil a gloria!
e para cantar *victoria*,
bastará dizer: — *já vi!*

Caldas de S. Gemil.

Digitized by Google

THRENOS

Um dia, desdobrei o quadro triste
da vida, e pude ver-lhe as negras côres;
comprehendi mil queixumes, prantos, dôres,
e a historia li de tudo quanto existe!

Eu vi o crime pompeando altivo
em um throno que o sangue salpicára,
e vi do poderoso a mão avára
apertar as algemas do cativo.

E vi o miseravel na indigencia
expirando de fome sobre palhas,
e vi entre opulentas vitualhas
o opulento insultar a Providencia.,

A virtude jazia espesinhada
— débil florinha murcha ao abandono: —
vi-a ceder ao crime o excelso throno,
e entregar-lhe a corôa mareada.

Digitized by Google

E seu gládio a morte vi brandindo,
ceifando as gerações, uma por uma;
e vi as gerações bem como a espuma
num mar de prantos irem-se sumindo.

E eu disse então, erguendo ao céu os olhos:
que fôra o mundo aqui, se um céu não fôra!
desce á minha alma, esp'rança salvadora,
leva-me ao porto d'este mar de escolhos!

Digitized by Google

TONANTI JOVI

AO SR. ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

I wield the flai of lashing hail,
and withen the green plains under,
and then again I dissolve in rain,
and laugh as I in thunder.

SCHELLEY.

Ruge o vento no bosque distante,
fende as nuvens sinistro clarão!
Queima o raio um abeto gigante!
Nos espaços ribomba o trovão!

Rasga os valles a grossa torrente!
Negra a noite o universo involveu!
Do oceano o rugido fremente
desafia os ribombos do céu!

E a scentelha que o espaço alumia
vem na crista da serra brincar!
Lá, nos ermos do céu, que harmonia!
que harmonia na terra e no mar!...

Eu amo a tempestade! — Sonoros estampidos,
rugi do sul ao norte, do espaço na amplidão!
Vós sois a minha musica! — oh, vinde a meus ouvidos,
notas harmoniosas da lira do trovão!
Ondas, brami, erguei-vos! eu mesclarei no entanto
a esse concerto immenso d'est'harpa o rude canto.

Digitized by Google

As cordas que hoje firo nas horas da tormenta
soltaram inda ha pouco ternos himnos de amor!
hoje só acho nellas a voz soturna e lenta
que se ergue e vai casar-se dos ventos ao fragor!
É que nos seios d'alma só trevas e lamentos,
escuras como a noite, raivosos como os ventos!

Oh! se eu, rasgando as trevas, vencesse essa distancia,
que ha tanto me separa da luz que vi brilhar!
se eu inda erguesse os olhos ao sol da minha infancia!
se as flores do passado podesse inda aspirar!
Ah, não! que o *impossivel* me limitou o espaço,
e me esmagou a esp'rança, dando-me estreito abraço!

. . . . . .

Coração, porque gemes? os teus queixumes cala!
a sós no teu deserto, ninguem te pode ouvir,
que o genio da tormenta agora é só quem fala
na voz da tempestade, das vagas no rugir!
A tua luz sumiu-se com o florir de maio:
hoje... só tens espinhos, no céu fulgura... o raio!

Lutei! vencer não pude da tempestade o açoite!
da vida no oceano partiu-se o meu baixel,
dos escarcéus ao grado vagou por alta noite,
e depois vi-o ainda do abismo no cairel;
depois... sumiu-se tudo! e em trevas involvido
afiz-me ás tempestades! Eu amo o seu rugido!

Por isso, ruge, ó vento, curvando a annosa faia;
estala, ó raio, em meio de vivido clarão;
brami, ó ondas torvas, brami de praia a praia;
de pólo a pólo escutem-se as vozes do trovão!
relampago, illumina a orquestra da immensidade!
orquestra, quero ouvir-te, pois amo a tempestade!

Digitized by Google

E a tormenta seus himnos me envia,
sons que vêm na minh'alma ecoar!
Lá nos ermos do céu que harmonia!
que harmonia na terra e no mar!

Novembro de 186...

Digitized by Google

A' MARGEM D'UNS VERSOS

QUE ME DEDICOU LUIZ DE CAMPOS

Tens razão! — no deserto inculto e sáfaro
da vida, não germinam gratas flores:
ha miragens, é certo, mas os cardos
ao viajor illudido as plantas rasgam.

É-nos a vida fluxo e refluxo
de máguas e de prantos; que em verdade,
por mais que digam, nunca sabe a gente
se ha purgatorio que não seja o mundo.

Nunca o poeta espere que a ventura
o venha bafejar: eu sei que o genio
é sol, em derredor do qual gravita
de continuo o planeta da desgraça.

Digitized by Google

A FLAUSINO DE CASTRO

(EXCERPTO)

A terra é lodaçal em que se atola a vida;
o céu a aspiração, a luz que nos atrai;
firmado o pé na terra, a vista ao céu erguida,
o vate chora e canta e seu caminho vai.

Paira-lhe em derredor o arcanjo da poesia,
doira-lhe a fronte augusta o sol da inspiração;
levanta o olhar, e vê a luz que espalha o dia;
abaixa-o, e vê o mundo, a morte, a corrupção!

E ás vezes anda-se elle á cata de quem tenha
ouvidos para ouvir as vozes do cantor;
que o mundo não comprehende essa harmonia estranha
vibrada entre o martirio ou no raiar do amor.

Mas se o poeta achou na via dolorosa
uma alma, sua irman, que intenda o seu cantar,
a senda que elle trilha é menos espinhosa,
é já mais leve a cruz, mais brando o seu penar.

Digitized by Google

CLAROS-ESCUROS

Por ti, sem ti, comigo estou passando
nas móres alegrias mór tristeza.

FERNÃO ALV. DO ORIENTE.

I

No manto celeste, franjado de purpura,
espalha a alvorada seu casto fulgor;
e o astro do dia por serras e gândaras
despeja torrentes de luz e de amor.

A vida palpita na flor e no álemo;
suspiram arroios na relva gentil;
intoucam-se as flores de nitidas pérolas;
as aves gorgeiam seus cantos de abril.

A rosa innocente — singelo thuribulo —
incensos envia a Quem folhas lhe deu;
e o céu, escampando-se, acolhe os efluvios
que a débil florinha ao Senhor off'receu!

Ciciam as auras! florejam as arvores,
e nellas descanta o plumoso cantor!
a terra inebria-se! o céu azuleja-se!
no céu e na terra sorrisos e amor!

Digitized by Google

II

Quem neste instante podéra
á flor, que sorri, sorrir;
nas folhas da primavera
soletrar *ditas* e *amores*
no presente e no porvir!

Quem podéra ao sol radiante
erguer um himno de amor!
e o aroma inebriante,
que se perde nos espaços,
aspirar á tenra flor!

Quem podéra nesta hora,
em que ao céu remonta o sol,
contente saudar a aurora,
como a saúda, cantando
entre a balsa, o rouxinol!

III

Não posso! — Por manhans tão gorgeadas,
o sol não me desfaz os véus sombrios
que toldaram as minhas alvoradas!

Ao romper d'alva abeiro-me dos rios,
e sinto resvalar salgado pranto
sobre os cristais indifferentes..., frios...

Cuido assim que essas aguas entretanto
irão breve espraiar-se lá nos prados
onde viceja a flor do meu incanto!

Digitized by Google

Que me importam a mim outros cuidados?
que importa a primavera, se me faltam
d'essa flor os perfumes delicados?

Entre as flores que o verde campo esmaltam
debalde buscareis rival ao menos
d'essa por quem as lagrimas me saltam!

Bem longe a plantou Deus! Comtudo, vê-nos,
e bem do fundo d'alma espero que hade
restituir-me a dias mais serenos!

Ah! se Elle é Deus e Pai! — Sua bondade
ha de encravar-me a roda da desgraça,
tão banhada dos prantos da saudade!

Esperança! quem é que assim perpassa
em teus limpidos céus, sorrindo meiga,
e a ver anciosa se de lá me abraça!

Este anhelo que fundo se me arreiga,
é illusão?... Imagem vaporosa,
deixa esses ares, poisa nesta veiga!

Só por ti, nesta via dolorosa,
pode florir-me a vida, e os seios d'alma
abrir-se á tua essencia deliciosa!

Verguei-me sob a cruz! a verde palma
serão essas gentis, verdes grinaldas
d'um amor santo que o penar acalma.

Digitized by Google

Eu irei da montanha pelas faldas
ceifar jasmins, entretecer-te c'rôas,
e preparar-te um leito de esmeraldas.

E — sósinhos á beira das lagôas —
sôfrego libarei a longos tragos
o doce néctar que dos labios côas.

Has de quebrar-me, á luz dos olhos magos,
a fatal ânfora, onde eu hei libado
absinto e fel em dias asiagos.

Lá dentro do teu labio immaculado
o tempo não derrete, perpassando,
os favos que adoçaram meu passado.

Nas rosas d'essa face estás guardando
celestiais aromas por que almejo,
e que de novo hei de aspirar, mas quando?!

Ah! se eu fosse nas azas d'um desejo
poisar na tua solitaria estancia,
libaria a ventura num só beijo!...
. . . . . .

Mas quem ha de encurtar esta distancia
que assim me furta ás varzeas perfumadas
onde viceja a flor da minha infancia?

Subo, ás vezes, do monte ás assomadas,
a ver se a posso ver..., érro nos montes,
e por fim desfaleço nas chapadas.

Digitized by Google

Nada me importam claros horisontes,
o sol da primavera não me alenta,
não oiço as aves, não escuto as fontes...

. . . . . .

Uma alma que saudades alimenta
não folga, ao rir o sol, o arbusto, a flor;
mas só deseja então, de amor sedenta,
matar saudades e morrer de amor!

15 de abril.

Digitized by Google

IRIS

¿ Que lagrimas são essas que te saltam
como orvalhos das pétalas d'um lirio ?
¿ porque vérgas á cruz do teu martirio,
e bebes os aljofres que te esmaltam ?

¿ Quem te diz que o Senhor que nos governa
nunca á desdita ha demarcado um termo ?
¿ quem disse ao peito que suspira infermo :
— padece os golpes d'uma dor eterna — ?

Olha, filha : eu tambem nos meus caminhos
sabe Deus quantas lagrimas salgadas
hei chorado, ao subir ás assomadas
do Calvario, por senda só de espinhos !

Rasgadas minhas plantas nos abrolhos,
um dia olhei o céu, ó minha esposa !...
Ainda trilho a via dolorosa,
mas não tenho uma lagrima nos olhos !

Digitized by Google

Sabes porquê? Escuta, ó vida minha:
todos sentem o golpe, e vem o braço
que o mundo descarrega; além do espaço,
o premio e o goso, o vate os adivinha!

E eu vejo-os, face a face, ó lirio santo!
É doce esta visão, e do meu rosto
ella me espalha as nuvens do desgosto,
seccando-me nas palpebras o pranto!

¿Que tem que não instile na minha alma
um doce néctar este amor tão triste?
Vês o céu que nos cobre? é lá que existe
Alguem que ao martir sempre deu a palma!

Quando á noite, estrellado, o céu rebrilha,
e na abobada azul se estira a lua,
deixa elevar-se aos astros a alma tua,
crava os olhos no céu, e espera, filha!

Digitized by Google

CIUMES

É noite! vai alta a lua,
e além na janela tua
se espelha o baço clarão!
É noite! esvoaça a brisa
sobre o arroio que deslisa
mansamente pelo chão!
É noite! num vago anceio,
sufoco dentro do seio
as vozes do coração!

No seio a noite me côa
ciumes... mas, ah! perdôa!
não chores, lirio do val! —
da aura é que tenho ciumes
que além rouba mil perfumes
ao olorante roseiral,
e d'elles vai arrobada
beijar-te a trança adorada
e teus labios de coral...

Digitized by Google

Tenho ciumes da rosa
que já brilhou tão viçosa,
da existencia no verdor,
e que, ora murcha e fanada,
trazes ao peito de fada,
como reliquia de amor...
Tenho-os tambem do regato
que reflecte o teu retrato,
o teu gesto incantador.

Tenho ciumes do astro
que em teu collo de alabastro
vem projectar doce luz!
Tenho-os do livrinho santo
sobre que vertes teu pranto
ajoelhada aos pés da cruz!
Tenho ciumes das aves
que te dão cantos suaves
de cima dos troncos nús!

Tenho ciumes da lua
que, sorrindo-te, fluctua
nas vastas soidões dos céus!
Tenho ciumes da estrella
que remira a fronte bella
no cristal dos olhos teus!
Tenho ciumes do pranto
que nesse rosto de incanto
estende pálidos véus!

Tenho ciumes do monte
que além se ergue no horisonte
onde fixas teu olhar!

Digitized by Google

Tenho ciumes do leito
onde repoisas teu peito
que em delirio ouvi pulsar!
Tenho-os, emfim, da almofada
onde a face idolatrada
tu costumas recostar!

Vizeu, no collegio-seminario, 10 para 11 de novembro, 1863.

Digitized by Google

A REDEMPÇÃO

Rasgou-se o véu do templo! Assoma aurora esplendida!
Abrem-se novos céus á Eva seduzida!
A morte empalidece, e curva-se abatida
aos jorros d'essa luz!
Rasgou-se o véu do templo! — Olhai a augusta *Victima*
erguida sobre o altar! o sangue do *Cordeiro*
em pó faz os grilhões de aspero cativeiro
soltos aos pés da cruz!

Um dia, erguêra a mão, da noite o negro espirito,
lançou por terra o escravo, e d'elle fez cimento
do colossal, maldito e estranho monumento
que ás trevas consagrou!
cingiu-lhe, por degráus, setenta mil cadaveres,
e o monumento assim nas nuvens se perdia!
Houve quem visse então subir a tirannia,
que em cima se assentou!

O escravo soluçava, e ria o altivo déspota!
— era a irrisão resposta ás queixas do opprimido!

Digitized by Google

(Maldito quem não ouve o intimo gemido
que o escravo desprendeu !)
Mas... expirou o *Justo !* aponta um clarão fulgido
que ao longe sobredoira a crista da montanha !
o escravo ergue-lhe um braço ! abala-se a peanha,
e o sólio estremeceu !

Dirieis que essa luz tinha o condão fatidico
de alumiar em baixo e deslumbrar em cima :
em cima desalenta, embaixo afaga e anima !...
é Deus que assim o quer !
O purpurado rei nas dobras d'essa purpura
quiz esquivar-se á luz que vinha do oriente !
e ella queimou-lhe o sólio ! e o sceptro omnipotente
lh'o veio derreter !

Ergueu a fronte o escravo, e veio a régia tunica
coser-se, bem cosida, ás vestes da pobreza !
Ouviu-se então um brado : é uma a natureza !
o escravo é teu irmão !
E o mundo repetiu a voz da Providencia !
e o brado fez-se ouvir em Roma e nas aldeias !...
Os pulsos, roxos já, estalam as cadeias,
ao sol da redempção !

E o crente fôra, á noite, albergues e palacios
na ombreira assignalar co'o sangue do *Cordeiro,*
pois que a *Justiça,* ao vir do dia o alvor primeiro,
havia de passar.
Emfim passou por lá ! e o povo levantava-se,
lançando para longe as peias do proscrito !
O arcanjo da justiça avança, e só um grito
se ouviu no lupanar !

Era o rugir da fera, a quem a Providencia
das garras libertara a victima innocente ;

Digitized by Google

ruidoso desabar d'esse colosso ingente
que o mundo dominou!
Á voz do *Capitão* ergueu-se o grande exercito!
tomou-se nova estrada... a cruz era a bandeira!
E o povo que buscava a patria verdadeira
ouviu: — Eu sou quem sou!

Digitized by Google

FLORES DA TARDE

Em cima a nuvem cerrada,
em baixo o mar a bramir...
animo, pomba nevada!
não vás no abismo cair!

Nas brancas asas te libra,
salva o dorso do escarcéu,
nos espaços te equilibra,
e vem pairar no meu céu!

Vem aplacar-me este anceio,
ó pomba do meu sonhar!
— nos arminhos de teu seio
quero esta fronte inclinar.

Rosa mirrada entre espinhos,
cortada por impia mão,
resuscita aos meus carinhos,
á luz do meu coração!

Digitized by Google

Na minha c'roa de abrolhos
quero-te, rosa de amor:
possam inda ver meus olhos
entre espinhos uma flor!...

Entre as nuvens da procella
eu possa teus olhos ver!
rebrilha, propicia estrella,
nas trevas do meu viver!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

E choras, pallido lirio?!
não me escondes teu penar,
que eu bem sei que atrós martirio
teus prantos vem distilar!

Bem o sei!... Chora! chorêmos!
que a esp'rança já não transluz!
Se a dor é a mesma, tomemos
a mesma pesada cruz!

Para nós dois um sudario!
e via-sacra, uma só...
vamos juntos ao Calvario,
cubra-nos o mesmo pó!

Já que um barbaro supplicio
nos furta afagos de amor,
juntemos o sacrificio,
sejamos irmãos na dor!

Digitized by Google

Sejamos! Choremos, lirio!
e o pranto, que nos banhar,
régue a palma do martirio,
que o Senhor nos ha de dar!

A palma!.. Já agora em vida
não a podemos colher:
sinto a esperança abatida,
sei amar, mas não sei crer!...

Triste o amor, que vive e medra
entre as ruinas da fé,
se em cada musgosa pedra
nem epitafio se lê!...

Crenças que falem da terra
não as ha no peito meu:
só desalentos encerra,
afóra a esp'rança no céu!

que no céu é que a minha alma
se ha de ir á tua casar,
colhendo a viride palma
d'este infinito penar!

No céu! que o mundo é estreito
para amor que não tem fim,
que, se cabe neste peito,
no mundo não cabe assim!

porque o peito do poeta
não mostra os limites seus:
encerra uma alma dilecta,
cerca-a de mundos e céus!

Digitized by Google

No céu! — é lá o noivado!
Ergamos os olhos pois
ao thálamo preparado
entre perfumes e sóes!...

Se esta vida nos negreja,
aquella visão seduz:
avisto um anjo que adeja
entre o céu e a nossa cruz!

Contra esta dura agonia
quebra a taça de hidromel,
bebamos até á lia
o nosso calix de fel!

Eis a via dolorosa,
o Calvario, e em cima o céu...
Falta aqui a Mãi piedosa,
falta aqui um Cirenéu;

No caminho solitario
só eu vou ao pé de ti!
Demandas inda o calvario?
descança, filha: eil-o aqui!

Olhemos bem os espaços,
onde a esperança reluz...
e liguemos nossos braços
aos braços da mesma cruz!

Digitized by Google

A PROVIDENCIA DOS POBRES

Leonor... não sei quem era! — ás vezes penso e creio
que era um anjo de Deus, que das alturas veio
aqui viver saudoso! Eu inda a conheci:
vi-a só uma vez, mas desde que eu a vi
nunca pude esquecer aquella imagem triste,
pálida, pensativa... Ainda a vejo! existe
ante os meus olhos tal qual eu a contemplei.

Era ao cair da tarde. Ao longe o astro rei
descia brandamente ás horas do sol-posto,
com o ultimo reflexo illuminando o rosto
da virgem solitaria e triste. Á branca mão
encostava-se a face, aonde o coração
vinha espelhar fiel seus intimos anhelos.
Soltos á viração os trémulos cabellos
caíam em anneis no seio de marfim.
Aquelle olhar!.. — oh, nunca o sol brilhou assim! —
aquelle olhar sem norte, incerto, vago, ethéreo,
perdido pelo céu..., no mundo era um misterio?

Digitized by Google

Debruçada á janela, eu vi-a disparar
por todo o céu em fóra o pensativo olhar.
Vi-a tão triste e só! avisinhei-me d'ella,
e fui-me debruçar tambem sobre a janela.
Olhei-a, e não me olhou! tinha perdida a côr,
a côr que veste em maio a pudibunda flor;
dos olhos em redor vi-lhe uma orla preta,
onde de quando em quando a lagrima indiscreta
vinha denunciar o triste coração!
E eu disse: que vês tu lá nessa vastidão
onde se vão perder teus lacrimosos olhos?
— Um porto — me disse ella, — ao fim d'um mar de escolhos,
e no porto um farol que chama para os céus
aquelles que no mundo abrem sua alma a Deus!
— Mas quem te move o pranto, e nesse olhar profundo
lança pesado véu? saudades de outro mundo?
saudades d'essa patria, aonde Deus sorri
aos anjos, teus irmãos, que anciosa vês d'aqui?
ou tédio d'este val de lagrimas salgadas,
onde por pranto e ais as horas são contadas?
— Pergunta, — me disse ella — á alma do poeta
porque vive do amor; pergunta á borboleta
porque se vai queimar na chamma que a seduz;
pergunta á flor do val porque abre o seio á luz;
pergunta ao rouxinol porque ao raiar da aurora
entorna o seu cantar por sobre a flor que chora;
á lua que nos céus divaga sem parar
pergunta-lhe quem busca em seu peregrinar;
ao cipreste que geme um cantico funéreo
em torno aos mausoléus, no frio cemiterio,
pergunta porque é triste; e se depois alguem
te responder a ti, responderei tambem.

Um dia — era no inverno — o vento estrondeava
em cima do telhado; e a chuva fustigava
os vidros da janela, onde eu sósinha vi

Digitized by Google

a pállida Leonor : ha pouco eu vira ali
bafejada do mundo a branda sensitiva
dobrar-se na sua haste, absorta, pensativa,
olhando o céu azul ; e agora onde estará
a languida florinha ? Acaso o inverno já
lançou por terra a flor que os anjos cultivaram
e no pragal da vida um dia abandonaram ?

A janela, que o vento e a chuva açoitar vem,
hoje cerrada está ; mas, se attentarmos bem,
veremos através dos vidros da janela
singela imagem triste e pensativa... É ella !

Na rua uma criança ia passando então
de farrapos coberta ; a enregelada mão
ella estende, implorando o pão da caridade ;
mas da indigencia os ais¿ quem escutal-os hade ?
quantos dos homens vão as portas descerrar
aos que gemem a sós sem mãi, sem pão, sem lar ?

Leonor vê a criança, e as lagrimas em fio
rompem dos olhos seus.
Dentro de pouco, o frio
nos membros da criança não tremia já :
Leonor dá-lhe agasalho, e lume e pão lhe dá.
Mas era pouco : despe as sedas da opulencia,
e faz da sua casa asilo da indigencia !

Consôlo, amparo e mãi d'esses que a sorte fez
herdeiros só do mal, dizia muita vez :
«Meus filhos, quando o bem nos foge nesta vida,
devemos esperar na terra promettida :

Digitized by Google

Deus, pai de todos nós, nunca engeitou ninguem,
e, quando o mundo é triste, o céu guardadas tem
no seio do Senhor eternas alegrias!
Que importa a vida aqui? rápidos são os dias,
a dor é d'um momento... Animo, esp'rança em Deus!»

E o anjo da pobreza, abrindo os braços seus,
ao peito conchegava o filho do indigente,
dava-lhe do seu pão, beijava-o ternamente,
cingia-lhe ao corpinho as sedas que vestiu,
sorria como nunca a terna mãi sorriu!
Depois, meiga e cuidosa a pállida infermeira
ia-se recostar do infermo á cabeceira,
levando á dor alivio, á fome pão e amor.

Após santo lidar, a angelica Leonor
chegou ao seu sol-posto, e descançou na morte!
Deus abemdiçoou tão invejavel sorte,
e os pobres do lugar choraram sua mãi...
Áquella que passou a vida em fazer bem,
lavraram-lhe o epitafio os prantos da indigencia;
e ella, que aos pobres foi segunda Providencia,
— ao regarem-lhe a campa as lagrimas da dor,—
no céu escuta os ais de saudade e amor.
Não vão choral-a á campa os ricos nem os nobres!
que importa? não tem ella as orações dos pobres?

Digitized by Google

SONHO

Ogni felicità dal seno mio
É per sempre fuggita...

FRYE.

Vejo-te sempre! Estas lagrimas,
que as faces me vêm queimar,
são o espelho cristalino
onde tu te vens mirar,
mas sempre triste, chorosa!
— pendido o rosto divino,
pairas, visão vaporosa,
entre as nuvens do levante!

Trazes a trança ondeante
sôlta ás auras da manhan;
e, antes que o sol se levante,
deixas a côr da roman,
e — pállida, desgrenhada —
vens juntar ao meu teu pranto
nos meus sonhos da alvorada.

Que os meus dias tão risonhos
não voltem mais! que a ventura
nem ao menos venha em sonhos
dar-me luz, por noite escura!

Digitized by Google

Ou vêle, ou durma, a alegria
anda longe do meu peito,
nem sei já onde ella mora;
mas ás vezes chega um dia,
em que no aroma da aurora
ella desce, e no meu leito
vem recostar-se, embalando-me...
Caprichos da fantasia!

Hontem... Eu vou já contar-te
um sonho alegre que eu tive.
Não acreditas talvez;
mas o destino reparte
a ventura e a desventura
a seu grado, e d'esta vez
quiz-me travesso mostrar
que as lagrimas e a tristura
podem ter fim... a sonhar.

Escuta pois o meu sonho.
Era numa sala esplendida:
ruidosa a festa luzia,
e no horisonte medonho
a tempestade bramia.
Tornou-se a festa uma orgia:
e o mundo corrupto e falso
tripudiava cantando
em torno d'um cadafalso.

Sobre o cadafalso estava
uma victima innocente,
ao lado, o algoz levantava
o braço ferreo, inclemente,
e com elle segurava
uma algema; com o outro braço
estreitava cruamente

. .

Digitized by Google

num frio, gelado abraço
a victima que chorava
e debalde forcejava
por libertar-se... De subito,
estala a voz do trovão;
treme o algoz, a festa acaba,
deserto fica o salão.

Deserto?... Da sala em meio
a victima ajoelhada
arrancava do seu seio
uma prece maguada.

A victima... se a conheço!
era a joia de alto preço,
a pérola, a margarida
que eu achei nos meus caminhos,
e a quem dei minh'alma e vida...
Eras tu, pomba caida
dos sarçais entre os espinhos!

Com os olhos arrasados
pelo pranto do martirio,
eras o pallido lirio
que pranteia entre os silvados.

Ali bem perto, a teu lado,
estava em terra prostrado
pela cólera de Deus
o teu algoz; quando os céus
já se haviam serenado,
levantou-se elle; — irritado,
traduzindo em seu olhar
as iras do condemnado,
blasfemou da Providencia,
e, cravando o olhar em ti,

Digitized by Google

viu-te ajoelhada a orar,
e repelliu-te de si,
dizendo:
— «Foge d'aqui;
vai, vai dar o corpo e a alma
a quem déste o coração!
não me pertences! não quero
sujeitar-te ao duro imperio
da calculada razão!...
As cinzas d'um cemiterio
quem as aquece? — jámais
eu poderia dar vida
a essa alma, arrefecida,
como as loisas sepulcrais!
Arrefecida?!.. Não! não —
nesse peito que me odeia,
ha inda a imagem d'aquelle
que chora, suspira, anceia
por unir ao coração
a parte da sua vida!

Oh! não és minha, não és!
joias, oiro e pedrarias
embalde te arrójo aos pés!
— preferes levar os dias,
ouvindo os ais maguados
e os canticos inspirados
que *elle* te envia.... de longe!

Pois lhe déste o coração,
vai ser d'elle, mas só d'elle!
e oxalá que o teu eleito
em êxtases te revele
que nunca sonhou em vão
com os thesoiros que havia
no sacrario de teu peito!

Digitized by Google

Vai dar-lhe amor e alegria!
não podes ser minha, não!»—

Calou-se, e viu-te sorrir
talvez pela vez primeira!
(ha tanto tempo que o riso
teus labios não vinha abrir!)
Viste de novo florir
teu perdido paraiso,
onde cada flor a abrir
te banhava em sua essencia;
da mágua rasgaste os véus,
ergueste os olhos aos céus,
bemdisseste a Providencia!...

E nunca mais te vi triste!
para mim guiaste os passos,
e, abrindo os nevados braços,
entre os meus braços caiste!
Depois, disseste-me: — «Agora,
rasgou-se da noite o véu;
resurge esplendida aurora
além da orla do céu!
Não foi surda a Providencia;
pois quando a nossa existencia
nos corria amargurada,
de crenças despida, nua,
estalo a algema *doirada,*
recupéro a liberdade,
sécco os prantos da saudade,
e posso dizer — sou tua!

Sim, posso! e tu bem sabias
por quem tenho suspirado;
que o ver-te sempre ao meu lado
foi o sonho favorito

Digitized by Google

que me embalou os meus dias!
Quando, espalhando alegrias,
no Herminio o sol apontava,
e á janela eu assomava
a saudar-te... já tu vias
que o sol não queimava tanto,
como a febre d'este amor!
E quando os dedos poisava
de meus labios no calor,
e de longe te enviava
um beijo de mago incanto....;
e quando, á tarde, inclinava
na mão a fronte, chorosa
por não poder abraçar-te....;
e quando a tarde saudosa
nos fugia, e eu cruzava
sobre o peito os braços trémulos
cuidando que te abraçava
na hora da despedida....;
e quando em fim ao sol-posto
eu enxugava no rosto
uma lagrima sentida,
porque a noite, avisinhando-se,
e entoldando a terra e os céus,
nos obrigava a um adeus... :
então... esta minha vida
já sabias que era tua;
e já sabias que o amor
nunca pávido recúa
ao divisar no horisonte
um futuro aterrador!...

Nunca tremi! Quando o mundo
quiz apagar minha fé,
em Deus eu puz os meus olhos,
e fiquei salva de pé,

Digitized by Google

sem quebrar contra os escolhos
o meu baixel de esperanças!...

Esperei sempre! e por fim
soccorreu-me a Providencia:
abalou a consciencia
d'esse algoz cruel; e a mim
deu-me os risos que eu perdi,
deu-me a ventura perdida,
deu-me a liberdade e a vida,
porque me deu só a ti!...»

Não sei o que mais disseste.
Louco de amor e alegria
vi minha noite sombria
trocada por luz celeste!

Mas quando mais ao meu peito
eu te unia, flor do céu,
foge o grato sonho meu,
e acordo — só — no meu leito.

Voltaram as horas tristes;
e o sonho, que já não dura,
fugiu mais breve que o vento,
e nunca mais me voltou:
falsa imagem de ventura,
creada no pensamento,
veio afagar-me um momento,
deixei-a passar.... passou!

Mas que mentira tão doce,
e alegre! — Se cada sonho,
que eu tenho em vida, assim fosse
tão feliz e tão risonho;
se as minhas horas serenas

Digitized by Google

em sonhos visse voltar,
já agora quizera apenas
passar a vida a sonhar.

Lobão, 22 de agosto.

Digitized by Google

A UMA CANTORA

(Versão)

Em ti ha não sei quê, que me enamora:
é o esplendor d'esses rasgados olhos!
é do teu labio a vibração sonora!
é que tua alma ardente,
amante e melancólica
divaga como a minha e se extasia
no mundo resplendente
do amor e da poesia!

Amor... vida do homem! tu o inspiras
com tua voz suave
e terna como a lagrima do infante,
e bella como a luz das alvoradas,
magica e deslumbrante
como illusões sonhadas!

Eu te admirei, mulher! e a cada nota
o triste coração me palpitava;
e a minha alma, inundada de fulgores,
da terra o pó deixava,

Digitized by Google

e nas azas da ardente fantasia
aos altos céus se erguia,
buscando lá no azul do firmamento
celeste inspiração,
como águia imperial,
que as azas bate anciosa,
eleva-se aos espaços desmedidos,
e em nuvens de oiro e rosa
dilata o coração!

Patética, inspirada, no teu canto
de amor contavas uma historia triste,
e vi correr teu pranto!
Certo que nessa hora tu sentiste
do amor o mago incanto,
— inferno ou paraiso,
onde vamos atrás d'uma illusão,
que ora nos filtra a vida num sorriso,
ora nos leva a morte ao coração!

Artista incantadora!
ao escutar a tua voz sonora,
deixa-me que eu, rendido a tal incanto,
diga, como o poeta, neste dia:
«Se eu fosse rei, a c'rôa te daria;
sou poeta, e não mais: dou-te o meu canto!

Digitized by Google

GETHSÉMANI

(DO *Jocelyn* DE LAMARTINE)

Bagas de sangue, oh Christo, hei como tu suado,
em noites de afflicção, de trevas e de horror!
E que inda no meu horto eu não succumba á dor,
e não escute ainda: *eis tudo consummado!*

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

A vida é-me um sepulcro, aonde me é vedado
até o relembrar as horas que lá vão!
Apaga a tua luz, defunto coração!
apaga-a, que é profana, e o tumulo é sagrado!

cumpre que o gêlo extinga o fogo que has guardado,
e o sangue que inda tens: devo curvar-me á sorte!
Meu Deus! a vida assim é a mais pesada cruz;
dá-me que eu a deponha, e os olhos cerre á luz...
Meu Deus, a morte, a morte!

Digitized by Google

FOLHAS DO OUTONO

Vê como o outono é triste! — O sol de maio
lá nos levou a luz que nos sorria,
quando além sobre o Herminio elle surgia,
ou se inclinava em languido desmaio.

O campo não tem flores. Passa o vento
e volve e leva as folhas estioladas,
que inda ha pouco tremiam, namoradas,
do rouxinol ao namorado accento.

Que diz a natureza, toda em luto,
e o jardim que deixaste ao abandono,
e as névoas que lá vêm toucar o outono,
e os lamentos, que eu sólto e os que eu te escuto?

Tudo nos diz que a nossa primavera,
a risonha estação do nosso amor,
a nossa quadra, que tão linda era,
passou, deixando o desalento e a dor.

Digitized by Google

Passou, como nas franças do arvoredo
passava murmurando a viração.
Passou, como um suspiro que em segredo
irrompe d'um amante coração!

E passou como a pérola tremente
que resvala das pétalas da flor.
E como estrella fulgida, cadente,
a estrella assim passou do nosso amor!

Sim, passou! mas Deus existe,
e Deus vê os nossos prantos;
e de aromas e de incantos
hade encher nossa alma triste!

Mártir! confia em Deus! desprende as tuas lagrimas,
que o mundo é teu desterro, e a tua patria os céus!
Quando soltares, pomba, as tuas azas candidas,
comtigo me ergue então á tua patria! Adeus!

Digitized by Google

EMFIM!

(Excerpto)

A...

Não profiro o teu nome! venturoso
outro o profere agora a teus ouvidos;
teu rosto se lhe volve carinhoso;
estremecem d'amor os teus sentidos;
mas, ah! que ao menos possam na tua alma
um eco despertar os meus gemidos!

B. Pato.

Chegou a hora da suprema angustia!
Os dias que a ventura
vinha doirar com lúcidos fulgores,
fugiram, como foge na espessura
o arroio que trepida entre verdores.
Ao rosto maguado
assoma agora a lagrima das lagrimas...
e lá no espelho d'um feliz passado
inda entre-vejo a tua imagem pura!

Revolvo aqui o livro da memoria,
e só encontro paginas doiradas
onde tu escreveste a nossa historia
com tintas que do céu te foram dadas;
Mas, ah! na ultima pagina
a tinta são as lagrimas salgadas
com que ahi fica escrita em negras cores
uma epopeia de sublimes dores!

Digitized by Google

Hontem, sorria a vida,
povoada de esp'ranças, fé e amor;
hoje, desmaias, purpurina flor,
ao seio de outro unida!
Hontem, era-me a vida um paraiso!
guiava-me no mundo a luz dos céus,
se via almo sorriso
brincar alegre á flor dos labios teus!
hoje... abriu-se-me o inferno,
e fecharam-se as portas do meu céu...
— nas praças da cidade
prendeu-te num ecúleo a sociedade,
e a victima... fui eu!...

Sacrilegos!... Julgaram que os altares
podiam arrancar-te do meu peito,
como se um dia fosse dado aos mares
sairem do seu leito!
Sacrilegos! quizeram que uma estola
legitimasse uma união maldita!...
Maldita, sim! — o astro, que vai e rola
na abóbada infinita,
que vão casar-lhe os limos cá da terra
ao brilho que elle encerra...

E compram-te por oiro! e ha quem diga
qne uma estóla doirada prende e liga
corações que jámais se comprehenderam!
Mentira! Esses que os braços teus prenderam
a um seio frio, frio, enregelado,
venham rasgar meu seio,
e cá dentro verão as tuas lagrimas,
e cá dentro verão os risos teus,
— risos e prantos com que a aurora veio

Digitized by Google

matisar-me as alfombras da existencia;
e aonde um anjo vérte uma só lagrima,
e aonde larga as flores d'um sorriso,
lá fica a sua essencia!

Embora nunca mais os labios trémulos
eu vá colar á tua rósea face;
embora alguem te abrace,
e impio te vá beijar,
emquanto que eu, a sós,
segrédo á terra e ao mar,
ao sol e á triste lua
meu desespero atroz;
se alguem disser que és sua,
sempre direi que és minha!...

O amor, quando se aninha
em um peito fadado para amar,
não morre — cresce, rápido caminha,
não ha retrogradar! —
Hoje como hontem, ámanhan e sempre,
— e talvez inda lá na eternidade —
verei a tua imagem insculpida
na lâmina infinita, desmedida
do oceano d'este affecto!
Sim, quem hade,
nos aridos desertos d'esta vida,
esquecer esse oásis, onde um dia
dessedentámos a alma sequiosa
na fonte cristalina? Quem havia
de esquecer essa vida tão ditosa
que tu me déste, e os anjos invejaram?!

Não, não te hei de esquecer! — Corram os annos,
leve-me longe meu cruel destino,
sulquem-me a face amargos desenganos...

Digitized by Google

teu rosto peregrino,
perdido já seu nitido fulgor,
é sempre a estrella pallida
nas trevas d'esta dor!

Oh! não te hei de esquecer! e tu... quem sabe?...
talvez... talvez que um dia ao chão desabe
o grandioso edificio d'esse amor,
e, erguendo-te sobre essas ruinarias,
te esqueças de outros dias,
e venhas insultar a minha dor!...

Perdão! perdôa á louca fantasia
aprehensões que lhe acodem nesta hora!
Perdão! juraste-o, e os anjos não perjuram!
juraste — e acreditei — que nunca um dia
além assomaria,
sem relembrares essas horas magicas,
em que a mudez nos distillava a ambos
torrentes de eloquencia!..,

Se ás vezes de mim foges e te occultas,
quando a ti ergo os olhos maguados,
não é porque em teus seios jaspeados
o amor já não se albergue; é porque as lagrimas
podem trair-te á face d'este mundo,
que nos abisma num penar profundo!
. . . . . .
. . . . . .

Não sei o que te disse,
mas disse-o só a ti! o mundo ignora
a dor que nos lacera nesta hora,
e o mundo... o mundo ri-se!
Que ria embora! tu, enxuga o pranto,
disfarça a dor pungente,

Digitized by Google

e corre, corre á festa resplendente,
que lá te espera o noivo! Eu, entretanto,
irei... onde o destino me levar!

Desce o tremendo golpe! fére, crava
um peito que te soube tanto amar!
A sociedade o manda! és sua escrava:
vela os olhos, e fere sem piedade!
Acaso julgas que hade
faltar aqui no peito já logar
para tão funda e lancinante mágua?
Não falta, não, que o peito dilatou-se-me
de immensas dores na candente frágua!

Eis o meu peito! fére-o!
foi grande para o amor!
conteve grandes jubilos!...
grande será na dor!

Viseu, 1867.

Digitized by Google

AOS PÉS DA CRUZ

Eis-me a teus pés, oh Christo! — ao céu as mãos levanto,
os olhos ergo á cruz e o pensamento a Deus!
Ás tuas plantas rójo as bagas do meu pranto...
Eis-me a teus pés, oh Christo! abre-me os braços teus!

Andei por esse mundo; e lá nos meus caminhos
que de illusões segui no meu sonhar de amor!
— se flores procurei, feri-me nos espinhos;
se gosos anelei, rasgou-me o peito a dor.

E Deus e amor e gloria era a trindade santa,
a quem sagrei gostoso os pensamentos meus;
e quando a primavera himnos a Deus levanta,
meus himnos levantei á gloria, a amor e a Deus!

A gloria! como eu fui depós essa miragem
que além se desatava em loiros e ovações!
o amor sorria alegre e abria-me a passagem;
levava-me ao porvir a voz das multidões!

Digitized by Google

Tinha na mente um nome — o da mulher celeste
que me inspirou na terra os himnos que soltei:
quando eu poisasse a fronte á sombra do cipreste,
q'ria rojar-lhe aos pés os loiros que ceifei!

E a gloria que eu sonhei foi nuvem transitoria
que aponta no levante, e que depois se esvái!
e o amor que me apontava o sol da minha gloria,
caiu no immenso abismo aonde tudo cái!

Morta a esperança já nas c'rôas do futuro,
já sem amor tambem, restas-me tu, oh Deus!
— Tu me darás a *Gloria* e o teu amor tão puro!
Eis-me a teus pés, oh Christo! abre-me os braços teus!

Lobão, 1867.

Digitized by Google

ULTIMO CANTO

A LAGRIMA

Arcanjo scismador dos meus altares,
visão celeste dos meus sonhos breves,
lirio sem mancha, minha doce esposa,
adeus! Cancei os olhos a mirar-te
e a ver se via a luz que o peito almeja
ao arraiar da infancia... Doido anelo!
Em azas de condor minha alma anciosa
leda avoejava ás regiões que habitas,
em demanda da luz que te aureóla!
E o sol queimou-me as azas! vento estranho
restrugiu, e varreu-me a luz dos olhos,
prostrando-me a teus pés, sem luz, sem nada!

Adeus! O moribundo que se estorce
nos paroxismos ultimos da vida,
¿que mais póde deixar-te, ó alma candida,
do que esta lagrima que pura escorre
dos olhos meus sobre o teu seio puro?!
Abre o teu coração, pomba de neve,
descerra-me hoje a urna preciosa

Digitized by Google

que encerra tanto amor e tantas máguas!
— quero lá esconder mais esta pérola
que me subiu do coração aos olhos!
quero, sim, que esta lagrima é um livro
onde has de ler em horas de saudade
os misterios d'uma alma que te adora!
— Quando a saudade te ensombrar o rosto,
has de inclinar a fronte no teu seio
e ouvir lá os segredos d'esta lagrima:

Hão de lembrar-te aquellas doces tardes
em que a lua, a sorrir, nos espreitava
assomando nos píncaros do monte.
Hão de lembrar-te esses harpejos d'alma,
que os zéfiros da noite me traziam
das teclas sonorosas do piano
— teu doce confidente... Ha de lembrar-te
o relvoso tapete da alameda
e os cantos suspirosos da avesinha —
alvoradas da nossa primavera!
Hão de lembrar-te os sonhos que sonhámos.
Ha de lembrar-te o rir da nossa infancia —
paraíso perdido, aura que foge.

Recolhe a minha derradeira lagrima!
e, se ámanhan a lage do sepulcro
esmagar o meu peito..., vai choral-a
na minha pobre campa, Margarida.

FIM.

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

	Pag.
Dedicatoria	v
Deus	9
Invocação	13
Duas mãis	17
Mariposas	18
A Gomes de Amorim	19
Rie y canta	26
Margarida	27
A flor da caridade	28
Galateia	30
Distico no tumulo de D. Affonso Henriques	34
Epitafio	35
A uma rosa	36
Sombras	37
L'amour, c'est la vie	40
O santo sepulcro	42
M	55
Helena	49
Os meus desejos	53
O lirio	54
Credo	56
Saudade á beira d'um tumulo	59
Alba ligustra	63
O espelho magico	66
Harpejo	67
Pirilampos	70
Versão d'um epigramma	71
Improviso	72
Meditação	74
Horacio a Nera	77
Ao nascer do sol	79
Vinte annos	80
Psalmo de David	82

Digitized by Google

Pag.

Riposo 84
O ramilhete 87
Sobre uma campa 91
Vinga-te 93
A fé 94
Prisão de amor 97
Tu ! 98
Mãi e filha 100
Adeus 103
Flores tristes 106
A 108
Saudades 110
Saudades de mãi 112
Versos d'um psalmo 115
Já vi ! 116
Threnos 118
Tonanti Jovi 120
A margem d'uns versos 123
A Flausino de Castro 124
Claros-Escuros 125
Iris 130
Ciumes 132
A redempção 135
Flores da tarde 138
A providencia dos pobres 142
Sonho 146
A uma cantora 154
Gethsémani 156
Folhas do outono 158
Emfim ! 159
Aos pés da cruz 164
Ultimo canto 166

Digitized by Google

ERRATAS

Pag.	*Vers.*	*Erros*		*Emendas*
33	12	buscar	leia-se	gozar
35	1	As	»	As
37	15	levar-no	»	levar-nos
38	19	c, sol	»	e o sol
68	25	sci sci	»	sci, sei
85	5	labios	»	sabios
96	16	disfructaram	»	disfructarão
121	15	da tormenta	»	das tormentas

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Vende-se em

Lisboa — Livraria do sr. Pereira, rua Augusta.
Porto — Livraria Moré.
Coimbra — Livraria da Imprensa da Universidade.
» — Livraria Universal, rua do Visconde da Luz.
» — Na loja do sr. Melchiades.
Braga — Na loja do sr. Eduardo Coelho.
Viseu — Na loja do sr. Costa, rua da Cadeia.
Evora — Na loja do sr. Henrique de Mello.
Guarda — Na loja do sr. Rebello.
Tondella — Na loja do sr. Alexandre de Castro.

Preço 500 réis.

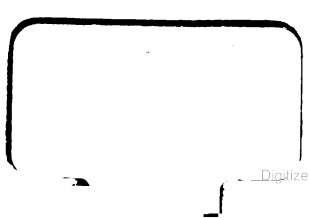
Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google


Digitized by Google